

o homem do castelo alto

philip k. dick

Tradução de David Soares

*Este livro não segue as normas
do novo Acordo Ortográfico.*



ESTADOS
PACÍFICOS
DA AMÉRICA

DENVER



O HOMEM DO
CASTELO ALTO
— 1962 —

DE UM CASTELO AO OUTRO

ENGENHARIA E ENGENHO NA FICÇÃO “CIENTÍFICA” DE PHILIP K. DICK

Nuno Rogeiro

“Sonhámos o mundo. Sonhámo-lo firme, visível, ubíquo em espaço e durando no tempo. Mas na sua arquitectura permitimos ténues e eternas brechas de desrazão, que nos revelam ser o sonho falso”.

Borges

“O maior dos mágicos seria aquele capaz de lançar sobre si um feitiço tão completo, de forma a passar a tomar as suas fantasmagorias por aparições autónomas. Não será este o nosso caso?”

Novais

“Deus existe. Mas é difícil de encontrar.”

Philip K. Dick

“Tenho um amor secreto pelo Caos. Devia haver mais.”

Ibid.

The Man in the High Castle foi traduzido em português, em primeiro lugar, pela coleção Argonauta (Livros do Brasil), em dois volumes. O título escolhido foi *O Homem do Castelo Alto*. O livro estava ou esgotado, ou era difícil de encontrar.

Foi-me pedido, para a presente edição, um estudo introdutório. Decidi revisitar o que escrevi, há vinte e sete anos, para a revista *Futuro Presente*. O texto, que procurava dedicar-se à obra e pensamento de Philip K. Dick, falecido no ano anterior, era o primeiro publicado em português. O retratado falecera com o aspecto físico de um Tolstoi, enredado numa vida paradoxal e misteriosa. Tinha até nos limites temporais uma coincidência, típica de um quebra-cabeças: nascera em 1928, morrera em 1982. De qualquer forma, não era ainda um nome que provocasse a adulação ou a fúria das massas.

Daí que o precoce escrito procurasse, numa revista de “Nova Cultura”, revelar ao público mais um autor “maldito”, que no entanto cresceria como nome maior da literatura geral, e não apenas da “ficção científica”.

Na presente versão, esse texto inicial foi muito manejado e revisto, sobretudo de maneira a ter em conta o largo continente de estudo que, nas últimas décadas, se foi formando sobre Dick, e os leitores crescentes convergindo de outras paragens, em parte pelo apelo do cinema, em parte pelo crescimento de obras directamente inspiradas neste universo desconcertante, e neste criador magistral¹.

Quero agradecer ao Miguel Freitas da Costa a recaptura do original, e

¹ Como se disse, em 1983 havia poucos estudos críticos sobre Dick. O fluxo transformou-se em torrente, entretanto. Só desde 2000 podemos citar algumas obras marcantes: Giuliano Bettanin, “Psychological Terror and Social Fears in Philip K. Dick’s Science Fiction”, in *Belphegor*, Vol. III, n.º 2, Abril 2004 (Universidade de Pádua); Andrew Butler, *PKD, Revised and Updated*, Pocket Essentials, 2007; Fabrizio Chiappetti, *Visioni dal futuro: il caso Philip K. Dick*, Santarcangelo di Romagna, 2000; Eric Carl Link, *Understanding Philip K. Dick*, USCP, 2010; Christopher Palmer, *Exhilaration and Terror of the Postmodern*, Liverpool Univ. Press, 2003; Laurence Rickels, *I Think I Am: Philip K. Dick*, U. of Minnesota Press, 2010; Kim Stanley-Robinson, *Les Romans de Philip K. Dick*, Les Moutons Electriques, 2005; Jason Vest, *The Postmodern Humanism of Philip K. Dick*, Scarecrow Press, 2009

a DP, que privou com Dick, e o ouviu, numa universidade californiana, em cursos livres de filosofia, o esforço de ajuda para este projecto.

N O O U T R O M U N D O

A assistência de Metz, mergulhada nos pequenos escândalos e episódios do *jet set* nacional e internacional, deliciada com os filmes épicos de pequeno orçamento ou dispendiosas películas intimistas, conhecedora da corrente tradicional da ficção científica, e de todo o *hardware*, catalogado, dos heróis cósmicos, periclitante entre o pacifismo político e o neutralismo ecológico, não estava realmente preparada para ouvir a figura que, entre grave e irónica, observava: “*se acham este mundo mau, deviam ter visto os outros*”.²

Vivia-se então nos EUA o crepúsculo da era Nixon, a “renovação” de Jimmy Carter, o plantador de amendoadins, engenheiro naval e “político progressista” da Geórgia. Era 1977. A cidade francesa, onde decorria o colóquio de *science fiction*, ouvia de Philip Kindred Dick ecos diferentes da América pós-atómica. Nem relatos barrocos sobre óperas espaciais, nem complexas elucubrações acerca de sistemas galácticos remotos, núcleos de impérios planetários, axiologicamente gémeos da Terra. Nem motivos ideológicos imediatamente comercializáveis, nem simpatias culturais ao gosto da época ou da moda. Com Dick, que reiniciara o caminho vital atrás de outras luzes (como se trocasse de corpo físico sem renunciar à *anima*), qualquer esperança de sossego residia apenas na habitualidade da dúvida, da loucura criadora, num sistema em que a ilusão surgirá sempre como certeza.

Repare-se que este é um autor que, para além das armadilhas literárias abundantes, nos deixou uma versão aparentemente delirante da sua própria existência. Dick descreve, em apontamentos só conhecidos depois da morte, mas também em conversas públicas, uma convicção espantosa: depois de uma revelação, percebeu que a história (como sucessão real de eventos) acabou no ano 50 ou 60. Tudo o resto é uma camuflagem do império romano (ou do satânico “Macaco de Deus”, como alguns teólogos medievais chamavam ao senhor das trevas) que continua e que permanece como grande manipulador. Neste universo secreto, que só se apreende se desmontarmos a ficção maquinada por Roma, Dick seria um cristão perseguido, à espera da última vinda de Cristo Salvador.

² Cf. PKD, “Si Ce Monde vous déplaît... et autres écrits”, Éclat, 1998, e a entrevista com Dick, a propósito de Metz e outras coisas, de D. Blanc e Y. Frémion, no n.º 5 de *Science Fiction et Quotidien*, Março 1981.

Esta teoria do “fim da história”, décadas antes de Francis Fukuyama, implicava logo uma série de problemas que, de certa maneira, tinham aparecido por toda a obra Dickiana:

- # A certeza ou ilusão sobre a realidade exterior ao homem
- # A dúvida sobre a própria realidade humana
- # A possibilidade de manipulação do universo visível
- # O scepticismo quanto ao relato historiográfico
- # A revelação do sobrenatural na natureza
- # A relativização do tempo.
- # A coexistência de dimensões diversas da vida, do conhecimento, etc.³

Seduzido por uma espécie de cristianismo “gnóstico” em 1974, Dick, até aí um episcopaliano algo peculiar e heterodoxo, guarda sempre o pequeno crucifixo de metal sob a roupa, numa altura em que vários hierarcas, e seitas transitadas do “flower power”, continuavam a exibir cruzes enormes por cima de camisas com *slogans*, como que a demonstrar a grandeza física da sua publicitada fé. Com Dick era diferente: oito anos depois desaparecia, ainda envolto na nuvem mística que quase o transformara numa personagem dos seus livros. Em 1982, pouco antes de retornar ao pó (a propósito, acompanhem-se os presságios da morte, em *Ubik*, onde se acentua o esfarelamento final da presença humana), acabara aquela que é oficialmente a sua última obra, *The Transmigration of Timothy Archer*.

Encerrava assim, (in)voluntariamente, o ciclo iniciado materialmente com V.A.L.I.S, fechando as portas do Além no momento em que, provavelmente, partiu à sua procura⁴.

Esse último romance, em parte colhido na realidade, é sobre um amigo, clérigo protestante, que parte para a Terra Santa em busca do Mistério Crístico, e acaba abocanhado por um enigma indecifrável pelos homens. Era a altura das polémicas sobre os Manuscritos do Mar Morto, que descreveriam os primeiros cristãos como um grupo subversivo messiânico. “Trans-

³ As linhas mestras desta ideia de uma continuação do Império Romano, planeada satanicamente, encontram-se no famoso discurso de Dick, *How to Build a Universe that doesn't fall apart two days later*, 1978, acessível, por exemplo, em http://deoxy.org/pkd_how2build.htm. Há ainda elementos desta ideia de uma Roma que não acaba nas invasões bárbaras, e na Idade Média, em Robert Silveberg, *Roma Aeterna*, versão francesa, Paris, 2009.

⁴ PKD, *The Penultimate Truth*, DVD 2008, Kultur Video.

migração” pode bem prefigurar a partida de Dick do mundo dos vivos. Ou melhor, dos imediatamente visíveis⁵.

Mas nos últimos anos de vida física, era difícil saber que brilho ou nuvem interior capturara Dick. Houve o famoso episódio da “Luz Rosa”, espécie de aparição reveladora de um outro “sentido” da existência. Houve a sua convicção de que se limitava a descrever, tardiamente, uma verdade que o ultrapassava, e o comandava, para além das ilusões. Imaginava, por exemplo, que *Flow My Tears, The Policeman Said*, vencedor do prémio J. W. Campbell Memorial de 1975, era uma versão não consciente do livro dos Actos dos Apóstolos. Explicava que vivia, em vários momentos, episódios semelhantes aos dos seus últimos livros e contos.⁶

Das entrevistas e conferências, as palavras de Dick resultam ou banais, ou demasiado equívocas, ou comprometidas. E as pistas deixadas nos livros, impressões digitais de uma mente perturbada por algo (ou perturbada algures), conduzem também a paragens excessivamente distantes entre si.

Uns crêem geometricamente na redescoberta, pelo autor, do Tomismo, do pensamento medieval e da memória clássica (mas sobretudo dos teólogos que ensaiaram a fusão da dogmática com a estrutura lógica da filosofia antiga). Outros vêem a redescoberta do Divino a um nível mais “superficial”, instintivo, místico antes de intelectual. Uma terceira interpretação descobre nos últimos livros de Dick a tentativa de “humanizar” a interpretação das escrituras, e de materializar as linhas exegéticas de antigos textos judaicos, como a Cabala (linha que se descobriria em *The Divine Invasion*).⁷

Por fim, há quem insista apenas na degradação do seu córtex, nas sequelas trágicas de anfetaminas e drogas fortes, ou na mera intenção de *épater*, sacudindo um público bem comportado através de uma ficção sem início nem fim, desprovida de estrutura ou lógica externa, verdadeira “obra em progresso”.

A teia de explicações, que sempre envolve as heranças intelectuais mais complexas, passa ao lado de um facto reconhecido: as últimas páginas de Dick possuem em vigor o que lhes escasseia em recorte literário, e os temas acabam por ser tratados com alguma monotonia, cortada apenas por lampejos típicos das geniais obras dos anos 60, como *The Man in the High Castle* e *Ubik*. Não valeria portanto muito a pena sobrevalorizar os livros da recta final de Philip K. Dick, desde logo porque a discussão sobre o mesmo

⁵ Gwen Lee, Doris Sauter (dir.) *What if our world is their heaven? The final conversations of PKD*, G. Duckworth, 2006

⁶ “How to Build”, op. e loc. cits.

⁷ Christopher Palmer, *Exhilaration and Terror of the Postmodern*, Liverpool Univ. Press, 2003

vem adquirindo aspectos de análise “psiquiátrica” do autor, agravada por se executar postumamente⁸. Há segredos que têm de dormir em paz, sobre tudo porque de nada serve tentar violá-los. Como dizia Huxley, a portas da consciência só abrem por dentro.

Mesmo a aparente paranóia de Dick, explorada na tela, na última década, em vários filmes e séries que omitem a sua influência (para além da legião que o adapta expressamente, de forma medíocre a péssima, com rariíssimas exceções), mesmo essa pesada teoria da conspiração só poderia ser verdadeiramente explicada pelo falecido. Daí que se torne cada vez mais importante investigar o seu espólio, e sobretudo a correspondência, ou notas sobre o significado de algumas obras ou passagens, o que vem sendo feito pela Fundação Dick, e outras entidades. Por outro lado, há muitas obras de ficção geral, nunca publicadas, que nos chegam postumamente, juntamente com o legado “filosófico” do autor⁹.

UMA VIDA FORA DO TEMPO

Numa pinelada larga, a figura que me surge mais ligada à existência de Dick é a de Leon Bloy. A um nível temático encontramos, como foi observado por

⁸ De salientar ainda a reescrita da vida de Dick por Tessa K. Dick, a sua quinta mulher, a que assistiu ao processo final de “revelação”, atacado por muitos críticos como cínico e “oportunista”. Cf. Tessa Dick, *Remembering Firebright*, CreateSpace, 2009; Ibid. *The Owl in the Daylight*, CreateSpace 2009. Esta cria um universo Dickiano, semificcional, com Dick dentro, a partir do que ficou por dizer, ou pressuposto.

⁹ Três dos filhos de Dick, Laura, Isa e Chris, lançaram, em 2006, a Philip K. Dick Trust, uma fundação destinada a regular muitos problemas em aberto, incluindo direitos de adaptação ao cinema e banda desenhada, traduções, transferência de editoras, recuperação de manuscritos, publicação de cartas, investigação do espólio, etc. O resultado deste esforço está em <http://www.philipkddick.com/>

Uma fonte preciosa de Dickianismos menos óbvios é o projecto electrónico PKD OTAKU, dirigido por Patrícia Clark, a partir do Minnesota. Está disponível, por exemplo, em <http://www.SINNsitiv.de/pkd-otaku>. Há aqui vários estudos preciosos, por exemplo, focando o “Livro das Previsões” de Dick, em que este antecipa uma longa era de cooperação entre os EUA e a URSS, misturada com conflito, em torno de gigantescos projectos técnicos, desde a viagem no tempo até ao combate às pandemias.

Deve ainda salientar-se a criação, em 1982, do Prémio PKD, uma ideia original de Thomas Disch. O primeiro galardoado foi Rudy Rucker, com *Software*. Cf. <http://www.philipkddickaward.org/>

Ursula Le Guin (ex-colega de liceu de Dick em Berkeley, mas que só o conheceu mais tarde) e resulta algo evidente, Jorge Luis Borges. Outros descobrem ali Italo Calvino¹⁰.

Bloy é evocado sobretudo pelo carácter de “homem fora do tempo” de Philip Dick, pela rejeição dos lugares comuns, pelo fascínio das correntes marginais, de contracultura, pela recuperação dos “malditos” contra os académicos mais lidos, pelo lado visionário permanentemente irrequieto e insatisfeito.

Nascido em 1928 nas margens do lago Michigan, na Emerald Avenue de Chicago, cedo a sua vida se envolveu em tragédia. Philip Kindred Dick perde a sua irmã gémea, poucas semanas depois do nascimento. É um acontecimento que, retrospectivamente, o marca e perturba. Consta que, no espólio, há uma missiva onde fala da “perda prematura” de parte de si.

Vai viver para a Costa Oeste, em Berkeley, onde assiste sucessivamente ao divórcio dos progenitores, à construção de campos de concentração para cidadãos de origem asiática, ao holocausto de Hiroshima, que aliás contribui para o afastar radicalmente do seu pai, antigo voluntário de 14-18, fervoroso adepto da muito Wilsoniana “cruzada democrática”, irascível inimigo da imagem do Império do Sol Nascente.

Dick retrata esta época no cruel e falsamente autobiográfico *Confessions of a Crap Artist*, com as perseguições aos comerciantes e crianças amarelas residentes na Califórnia, com as letras débeis e a música desequilibrada dos primórdios da corrente psicadélica, com descobertas palermas da adolescência e a análise de muitos clichés da sociedade americana, mobilizada contra inimigos internos e externos demasiado “fluidos”. “Fluidos”, não só por terem grande parte do corpo feito de água, mas sobretudo por não ameaçarem as fronteiras físicas da República Imperial, e relevarem mais do “inimigo ideal”, abstracto e ideológico, de que fala Carl Schmitt na sua “Teoria do Guerrilheiro” e em “O Nomos da Terra”.

Dick inicia ironicamente o livro (que originou a filme francês *Confessions d'un Barjo*):

SOU FEITO DE ÁGUA. À primeira vista ninguém o diria, porque está tudo ligado cá dentro. Os meus amigos são feitos de água, também. Todos eles. Para nós, o problema não é só o termos de andar por aí sem sermos absorvidos, como o facto de precisarmos de ganhar a vida. Para falar verdade, existe um problema ainda maior. Não nos conseguimos sentir em casa, seja onde for para onde vamos. Porquê?

A resposta é a Segunda Guerra Mundial.

¹⁰ R. Barbeau, *Un Prophète Luciférien*, Léon Bloy, Aubier 1957

A experiência com a perseguição aos “Nisan” pode também ter resultado, em linha recta, no aparente enredo principal (falaremos dos outros) de *The Man in The High Castle*. O desfasamento de Dick em relação aos motivos populares do seu tempo fá-lo mergulhar na Faculdade de Filosofia, em Berkeley a permissiva, quando todos os *teenagers* com possibilidades financeiras preferiam o mundo nascente da astronáutica, dos *chips* e da cibernética. Contribui para a sua expulsão, em plena guerra fria, sob libelo de “não qualificado”, desordeiro e “comunista” (acusação que sempre rejeitou violentamente), na era de ouro da Legião Americana. Envia-o para uma primitiva paixão, a música erudita (tornou-se brevemente gestor de uma pequena discoteca), quando os adolescentes se agitam freneticamente em volta das *juke-box*, e troam as guitarras distorcidas de Halev e Presley. Torna-o um marginal ao espectro político, quando interpela desabridamente os oradores de um comício comunista (fazendo-se expulsar de vários outros), e ironiza sobre a vida artificial da “nova esquerda” americana. Causa perplexidade nos meios de ficção especulativa, quando prefere escrever anti-utopias, em tempos de vulgarização realista, ou novelas meticulosas de outros mundos da mente, em altura de óperas espaciais.

Se Dick não é vociferante como Bloy, comunga no entanto com ele (e com todos os não-conformistas, a exemplo de Pound, Kafka, Céline, Wyndham Lewis) o desenraizamento intelectual em relação ao mundo burguês, a asfixia de quem se vê condenado a viver fora da sua época. E, como Bloy, liga-se à terra, às comunidades rurais e urbanas esquecidas, ao quotidiano aborrecido das terrinhas com o pequeno café e o gabinete de *sheriff*. Descobre a “América Imortal”, que também vive nalguns livros (os menos afectados) da *beat generation*, no espírito dos velhos filmes de Ford, nas páginas inquietas de um Poe ou do seu *alter ego* moderno, Lovecraft. Uma América que pode ser gótica, mas vive sobretudo desafiadora, renitente, resistente, marmórea face às intempéries, plácida debaixo do sol ardente do deserto, aconchegada nas famílias pobres ou remedias-das, que vivem nas neves extremas, ou na desolação dos Apalaches.

Uma América anterior e interior, que surge a espaços como berço irredentista face ao invasor, seja em *O Homem do Castelo Alto* ou em *Rádio Albemuth Livre* (que originou um grande disco do baixista Stuart Hamm, na etiqueta *Relativity*).

AS RAÍZES DE UM D ESENRAIZADO

A distância que Dick cria em relação à intelectualidade americana e aos meios radicais-chiques, corresponde também a uma aproximação do au-

tor à cultura europeia (em parte através da música clássica, em parte pela filosofia), e a um progressivo sucesso entre os públicos do Velho Continente¹¹.

A narrativa Dickiana é, na forma e conteúdo, um animal complexo, sobretudo tendo em conta os velhos parâmetros da “ficção científica” mais comum. A interposição de trechos alegóricos, citações, fragmentos de memórias de diversas eras e de muitos afluentes civilizacionais (desde antigos manuscritos orientais até poemas de Goethe, de referências a Eliot, e a algumas tradições célticas, a textos políticos sobre os fascismos europeus, de alusões esotéricas a recordações de Platão, de Aristóteles, de Zenão), para além do culto constante do paradoxo, associa-se aos vários níveis de interpretação, aos sonhos dentro dos sonhos, como as pequenas bonecas russas, à ambiguidade militante, e à impossibilidade de decifrar mensagens completas. Ou seja, a dificuldade de perceber a moral da história (e a Moral da História)¹².

Encontra-se também em Dick algo das complexas conversas interiores de autores da vanguarda europeia, desde o maldito Lautréamont até aos não menos amaldiçoados Knut Hamsun e Céline. A ideia de um universo em pânico, ou enlouquecido, e de relatos claustrofóbicos e quase tirados de documentos de medicina psiquiátrica, atribui também muito de pós-moderno a Dick, já nem tendo em conta o fascínio que exerceu em certos filósofos franceses, como Braudillard (a propósito do conceito de “simulacro”, entre outros).

Essa “ sofisticação” de um género que em muita *mainstream* encontra um tratamento uniforme, grandiloquo, artificial, foi algo que separou Dick dos interesses comerciais de muitas editoras, e de uma larga massa de leitores pouco exigentes do Novo Mundo. Tal audiência preferia embriagar-se com guerras planetárias, em que *lasers* e *phasers* aniquilam milhões de seres, que não chegamos a conhecer, e em que heróis irreais e pouco elaborados vagueiam pelo espaço, semeando catástrofes ou benesses tecnológicas, em naves imperiais de pacotilha.

Claro que Dick faz também “concessões”. Muitos dos seus livros possuem *trouvailles* geniais, ideias alucinantes e inspiradas, sobre novas tecnologias de comunicação, transporte, divertimento, cultura, guerra, e até

¹¹ Sobre a recepção na Europa, cf. R. Bonzetto, “Dick in France: A Love Story”, em *S.F. Studies*, vol. 15, n.º 2, Julho 1988; Hélène Collon, *Regards sur Philip K. Dick: Le Kaléidickoscope*, Ed. Encrage, 1992, 2006; G. Klein, “Philip K. Dick ou l’Amérique Schizophrène”, em *Fiction*, n.º 182, Fev. 1969; C. Pagetti, G. Viviani, eds., *Philip K. Dick: Il Sogno dei Simulacri*, Milão, 1989

¹² Cf. Martin Greenberg, Joseph Olander, ed., *Philip K. Dick*, Nova Iorque, 1983

de planeamento urbano, saúde e meio ambiente. Mas os apetrechos nunca asfixiam o corpo central, ou a intenção nuclear do escrito¹³.

Dick não podia ser um monstro sagrado ou um sucesso comercial, entre uma assistência cujo ídolo ainda é pitoresca tripulação do Enterprise, numa série bem-comportada e açucarada como *Startrek*. A ficção ácida (às vezes em sentido literal, na inspiração e expiração) de Philip Dick fez-se mais para os apaixonados dos grandes temas da antiguidade, para os fanáticos do conto negro, para os curiosos das culturas marginais, para os sonhadores dos macroespaços interiores e os adeptos do romance gótico. Em suma, para os que preferiram sempre Jünger a Remarque, Cioran a Proust, Jung a Freud, Borges a Neruda, Céline a Maurois, Anouilh a Brecht, Bartók, Varese e Coltrane (e, já agora, os *Mothers of Invention*) à *pop music* e ao *easy listening*.

Depois de traçar paralelos entre Dick, Kafka (pelos fragmentos de absurdo e o clima claustrofóbico de algumas obras), Dickens (nos aspectos morais e na heroicidade tranquila e anónima), e Borges (nítida nas redes de paradoxos, na paixão indisfarçada pela Antiguidade, na complexidade de estilo), Ursula le Guin explica que o facto de o autor ser um excelente contador de histórias faz com que, a maior parte das vezes, o nível superficial, de “ficção científica” propriamente dita, seja mais realçado na sua obra por uma crítica que também tem que se vender perante a massa de leitores: o *facto de Dick nos estar realmente a falar da realidade e da loucura, do tempo e da morte, do pecado e da salvação, é algo que escapa geralmente aos críticos e leitores*. Mais à frente, refere que *Dick não é um autor de romances de evasão, nem um futurista. É profeta, sim, mas no sentido do I Ching, na acepção pela qual os poetas são profetas: não por jogarem partidas de antecipação com o Rand Corp, nem por extrapolarem a nova moda científica, mas apenas porque a sua arte é adequada para expressar essa visão. Mas todos sabem o que é que os profetas não ganham no seu próprio país.*¹⁴

Claro que falar sobre Dick, apesar do possível interesse da sua vida extraliterária, é, antes de mais, mergulhar na sua obra, descobrir os grandes temas, desde os que vogam à tona, mais visíveis, até os que têm de se extrair de cavernas, escondidos sob diversos níveis de realidade, que se questionam a si mesmos. Ou que aparecem como antítemas, ou falsas pistas. É descobrir com prazer as *raízes expostas* de uma árvore cultural que vai de Zenão de Eleia a Chesterton, passando por Kierkegaard, por S. Tomás, por escolásticos como Escoto Erígena, até Robert Browning e os já citados Borges e Kafka.

¹³ Patricia Warrick, *Mind in Motion — The Fiction of Philip K. Dick*, Carbondale, 1987

¹⁴ Ursula Le Guin, *The Language of the Night. Essays on Fantasy and Science Fiction*, N. Iorque, 1979

E se houver que discernir uma cosmologia nas páginas Dickianas, ela corresponderá talvez à famosa observação de Giordano Bruno, depois tão recorrida: “Podemos dizer com certeza que o universo é todo ele um centro, ou que o centro do mundo está por toda a parte, e a circunferência em nenhum lugar”.

O S G R A N D E S T E M A S

Numa obra conhecida, um dos mais da “Nova Lógica”, Stéphane Lupasco, dizia que não existe sociedade sem geografia, isto é sem espaço. Nem sociedade sem história, quer dizer, sem tempo. Se Lupasco não explicasse serem as suas condições dotadas de uma dialéctica interna, poderia dizer-se que a obra de Dick se baseia, em primeira linha, na negação do tempo e do espaço, e portanto na impossibilidade da vida social. Mas não é assim.¹⁵

Por toda a obra Dickiana perpassa um negro ceticismo quanto à perfeição do Estado. Em nenhum dos seus livros se constrói uma clara utopia: depois de guerras terríveis ou da colonização das galáxias, as sociedades humanas reagrupam-se em torno de entidades estruturadoras, sejam elas as Igrejas (como na idade média electrónica e pós-apocalíptica de *Deus Irae*, ou na Terra dominada pelo Mal irreconhecido de *The Divine Invasion*), as polícias e os exércitos (veja-se a *magnum opus* *The Man in the High Castle* e *Time Out of Joint*), os grupos financeiros e diversos *lobbies* (*Solar Lottery*, *The Penultimate Truth*, *The Three Stigmata of Palmer Eldrich*), e mesmo os andróides, os computadores ou os cérebros tentaculares (*Simulacra*, *Vulcan's Hammer*, *Now Wait for Last Year*.)

Por outro lado, as personagens, se vivem num universo interior de dúvida, se revelam esquizofrenia ou paranóia, acabam muitas vezes por dar significado aos seus sacrifícios, ou mesmo ao aparente suicídio, porque sofrem, desaparecem ou deixam-se degradar para servir, amar ou salvar alguém. Se recorremos outra vez Ursula Le Guin, encontramos uma boa síntese deste solidarismo:

O seu vocabulário moral (de Dick) é cristão, embora nunca de forma explícita. A última palavra nunca é desespero. Conhecedor como é do mundo do esquizofrénico, do paranóico, até do autista, a sua obra não é (ao contrário de Kafka) autista, porque existem nela mais pessoas; e as outras pessoas não são (como em Sartre) o inferno, mas a salvação.

¹⁵ Stéphane Lupasco, *Psychisme et Sociologie*, Casterman, 1978

Assim, mesmo que o indivíduo em dúvida perca a noção das fronteiras entre vida e morte, do espaço e do tempo, acaba por aceitar a realidade exterior, reconhecida geralmente ou “oficial”, de forma a não despertar, nem levar os outros à *queda final* num círculo fechado de ilusões. Muitos dos sujeitos de Dick escolhem a via *empática* para evitar as ruínas, para não deixar desviar o mundo do seu eixo. A noção de abnegação, humilde e quotidiana, dá à obra de Dick o carácter de heroísmo sem grandiloquência, habitual, olhar terno sobre heróis sem epopeia. E aí se reconcilia a dúvida sobre o tempo e o espaço, com a crença na sociedade, mas sobretudo com a firme certeza que, sendo aquela feita de qualidades desiguais, salvar uma alma não equivale a manter o todo, embora com o acto se afirme a fé noutra ordem superior.

Aqui o paradigma é, se quisermos, Chesterton.¹⁶

#a Definir o Humano

Em Dick não se encontram vestígios dos super-homens de papelão que povoaam as *Space Operas* e *Heroic Fantasies* dos anos 30, de Burroughs e Merrit, nem dos batalhões de cadetes e centuriões galácticos que irrompem pelos romances tradicionais de Asimov, Van Vogt, Heinlein. Na ficção Dickiana ninguém retalha hostes marcianas a grandes golpes de espada “laser”, nem existem, em primeira linha, cavaleiros *sans peur et sans reproche*. A maior parte dos livros constrói-se, precisamente, à volta do choque entre personagens apagadas, de carne e osso (noutro registo diríamos “anti-heróis”), que vêem o seu dia-a-dia transformado em pesadelo ou em sonho ambíguo, que assistem à invasão da sua vida pacata por acontecimentos imprevistos, desconcertantes, incompreensíveis, como se se abrisse uma brecha que faz comunicar dois níveis de realidade.

Conforme notaram os críticos mais atentos, as personagens de Dick distinguem-se dos arquétipos da *mainstream* pela sua profunda humanidade, pela sua capacidade para tremer ante o desconhecimento, ou salvar pacientemente um universo condenado. Ou até pelo facto de falharem, na tentativa.

Ursula Le Guin, ainda, refere aquilo que faz lembrar Dickens: o que

¹⁶ De notar que o grande romance *O homem que era quinta-feira*, de 1908, tratando também o tema do mundo ilusório, entre outros tópicos, parece estranhamente e impossivelmente Dickiano, escrito que foi em 1908. Cf. ainda Guin, *op.cit.*, e Laurence Rickels, *I Think I Am: Philip K. Dick*, U. of Minnesota Press, 2010

conta é a honestidade, a constância, a bondade, a paciência das pessoas vulgares. Ou a sua integridade. Ou a sua fraqueza desconcertante. Ou o que fazem com a liberdade. “As qualidades flamejantes, como a coragem, são meiros contributos para essa sólida e baça bondade, na qual — só nela — reside a esperança de libertação do jugo do Mal”. Isso leva também a que, como nos livros de Dickens (ou de Eça, por exemplo), a caracterização magistral das personagens não impeça que as mesmas se apaguem no conjunto da obra, tipos comuns surgindo sob vários nomes, em motivos obsessivamente recurrentes, pequenas chaves para a descoberta da realidade do universo.¹⁷

Tomemos *Time Out of Joint*, por exemplo, com o seu título shakespeariano. Ragle Gumm é um americano médio nos anos 50 que gosta de jogar em charadas dos jornais, vê basebol pela televisão enquanto mastiga *pop-corn*, e obviamente procura os favores da sua jovem vizinha. Nada mais banal e aborrecido do que a sua rotina, onde no entanto residem os dados para a compreensão da verdadeira e trágica realidade, que paira sobre o universo conhecido como se fosse uma cúpula opaca, que não deixa passar os raios de luz.

Entre as personagens de Dick contam-se também, é claro, seres especiais, ou porque sofrem de vários desvios psíquicos, ou porque possuem poderes anormais. Os *precogs* (pré-cognitivos) pululam nas suas páginas, assim como as criaturas que vivem ajudadas por próteses mais ou menos monstruosas (*Deus Irae, Solar Lottery*), ou as outras que experimentam todas as drogas para chegar a coisas ambicionadas ou píncaros inesperados, abismos de trevas ou mares de luz.¹⁸

Mas mesmo esses heróis singulares possuem zonas de sombra, dúvidas e ao mesmo tempo capacidade de redenção, poder de escolha, consciência, fraqueza e virtudes ameaçadas por presenças escuras. Em *Divine Invasion*, os eleitos para uma missão divina desconfiam, adoecem, aborrecem-se, ambicionam-se, perdem-se em futilidades, mas em momentos determinados são o pequeno peão em cujas costas pesa a sorte do mundo.

A *empatia*, processo psicológico comum na obra de Dick, é também uma via de entrega, de anti-egoísmo. A vida interior conhece-se, então, pela aptidão de alguém se ver através dos olhos de outro (auto-empatia), de ver os outros com os olhos alheios (halo-empatia) ou de ver os outros com os olhos próprios (consciência da consciência alheia). É assim que, folheando as páginas de Philip K. Dick, cada homem é, interiormente, um *alter-ego*,

¹⁷ L. Simons, “The Power of Small Things in PKD’s *Man in the High Castle*”, em *The Rocky Mountain Review of Language and Literature*, 39:4, pp 261-75

¹⁸ Jason Vest, *The Postmodern Humanism of Philip K. Dick*, Scarecrow Press, 2009

uma consciência colectiva, uma cidade, o universo. Apesar de ser um simples coleccionador de arte como o Sr. Tagomi, na Califórnia ocupada pelos japoneses, ou o agente da firma Runciter, Joe Chip, vogando entre a vida e a morte em *Ubik*.

Os *psis*, *precogs*, *antiprecogs*, *inerciais*, *mutantes* e *andróides conscientes* povoam, como se viu, o universo das personagens de Dick. Todos são fracções do humano, que o autor acaba por apresentar como aquele que duvida da própria existência, e que por isso sabe que existe. *Dubio ergo sum.*¹⁹

#b Paradoxo, alucinação, sonho, pesadelo

Onde Dick entronca mais nitidamente na tradição cultural da Europa e da Antiguidade Clássica é no campo da reflexão sobre a realidade, que não se pode separar, a não ser por razões metódicas, do anterior prisma da definição humana.²⁰

O primeiro aspecto — que será tratado mais à frente com detalhe — possui a conhecida raiz platónica do mundo real interdito, que só conhecemos por sombras indistintas.

A “realidade” que vivem as personagens (em *Ubik*, *Time Out of Joint*, *The Penultimate Truth*, *The Three Stigmata of Palmer Eldritch*, *The Ganymede Takeover*, entre outros) ou éposta em causa pelas mesmas, ou é ameaçada por alucinogénios, ou é destruída por evidências “exteriores”. Neste ponto, de nítida influência Dickiana é o romance de Stanislaw Lem *The Congress of Futurology*. Aliás, há uma “escola” Dickiana na “ficção especulativa”, em torno dos temas do paradoxo e da descrença existencial. E no romance “tradicional” temos também muitos Dickianos. Um, menos evidente mas autor de uma grande observação sobre o nosso estudado, é Emmanuel Carrére.²¹

Regressemos ao problema da decomposição do real.

¹⁹ Num circo de mutantes em dúvida existencial, a “esquizocultura” Dickiana é especialmente tratada em Scott Bukatman, *Terminal Identity*, Duke Univ. Press, 1993 (especialmente pág. 48 e segs.). O livro versa sobre o “sujeito virtual na Ficção Científica pós-moderna”, e vários temas de relação homem-máquina, típicos do romance “ciberpunk”.

²⁰ Eric Carl Link, *Understanding Philip K. Dick*, USCP, 2010

²¹ Emmanuel Carrére, *I Am Alive and You Are Dead*, Bloomsbury, 2006 (Seuil, 1998). Carrére é filho da escritora conservadora e polemista Hélène Carrére d’Encausse, e autor de peças notáveis, como *L’Adversaire*.

Em *Ubik*, os agentes de uma firma de seguros assistem a um mundo que se desagrega, cujas evidências materiais apodrecem como cáries, mas a obra termina com a dúvida: estarão mortos ou vivos, embora conscientes de uma falsa existência? Em *The Penultimate Truth*, o subsolo de um mundo pós-atómico compara-se ao formigueiro humano de *Metrópolis*, com operários que fornecem aço para a guerra raivosa na atmosfera, que continua, como se vê pelos vídeos e se ouve nos comunicados oficiais. Mas a “verdadeira” realidade é a de um mundo onde a erva voltou a crescer, onde a guerra terminou há muito, onde a produção é canalizada para o bem-estar das classes dominantes, que, na atmosfera, mantêm o subsolo escravo, na ilusão de um conflito que exige sacrifícios.

Estes exemplos mostram dois tipos de caminhos alucinatórios, interiores ao universo de Dick: um pergunta, sem tomar posição, se o nosso mundo é verdadeiro, ou se morremos todos há já muito, permanecendo na tola (in)certeza de estarmos vivos; outro afirma a possibilidade de se controlar a verdade, de um poder humano ocultar a realidade aos grupos e às massas.

A primeira questão corresponderia, para alguns, a uma metáfora Dickiana: verificando o conformismo e a pobreza cultural de certa *intelligence*, e do público americano, o autor quereria significar que os seus compatriotas estariam intelectualmente mortos, fósseis vivos agarrados à publicidade e aos lugares-comuns. Na música, a provocação foi liderada por um coevo, o já mencionado Frank Zappa.²²

No segundo sentido, já a parábola política seria mais nítida, com a alusão ao controlo dos meios de comunicação pelas ideologias e forças dominantes, que manipulariam a própria realidade. Na tela, alguns dos últimos exemplos são *Conspiracy Theory* e *Wag the Dog*, peças mais recente do *thriller* paranóico americano, ou ironias sobre o mesmo.²³

Há no entanto, indubitavelmente, uma questão metafísica nos livros de Dick. Liga-se à possibilidade de o homem conhecer o Real, e à dimensão do absurdo (*Cf. também infra, O Engenho Final...*).

²² Norman Spinrad foi amigo, discípulo e mestre de Dick, se é possível dizê-lo. Trata da obra Dickiana com especial acuidade, carinho e espírito crítico em *Science Fiction in the Real World*, South Illinois University Press, Carbondale, 1990 (sobretudo pág. 190 e segs.), e realça os elementos satíricos de resistência e contracultura, denúncia e mesmo “activismo”.

²³ Um bom exemplo do mau entendimento da obra de Dick é dado por Michael Bishop, *Philip K. Dick is Dead, Alas*, Orb Books, 1993. Prolongando talvez o primarismo dos opositores e críticos, Bishop promove outro reducionismo: o ensaio desastrado de escrever à Dick, com uma inspiração de “esquerda americana”, muito em moda na altura. Gente de plástico, de qualquer forma.

Aqui complicam-se as influências e as “leituras”. Numa perspectiva, a ficção Dickiana é a próxima da de Borges: como na “Biblioteca da Babilónia”, do escritor argentino, todo o universo que se pode conceber existe, pelo facto. A imaginação, a criação arquetípica, a fantasia, seriam apenas espelhos, aparentemente sem sentido, de uma realidade a que o homem só poderia aceder por estádios. Como no conto de Borges, qualquer dos romances imagináveis está nas prateleiras infinitas da biblioteca. Muitos são ininteligíveis para os homens em certa etapa cultural e consciente, mas foram já sonhados e compreendidos por alguém.

Esta descoberta, por trás do manto do quotidiano, de um real de significado cósmico, *revelado em fragmentos*, está também na obra dos romancistas góticos, ou neogóticos, como Lovecraft, Machen, Blackwood. E expressa-se mesmo em textos sagrados, como aquele atribuído a S. Paulo:

Por enquanto vejo um espelho, na escuridão; mais tarde veremos face a face. Agora vejo parte; depois conhecerei como me conheço. (I Coríntios, 13:12).

Um dos contos conhecidos de Dick chama-se, precisamente, não “um espelho na escuridão”, mas “um sensor na escuridão” (*A Scanner Darkly*). E alude também à complexa ascensão da ignorância para o conhecimento (neste caso, de uma espécie de narco-estado que combate a droga e convive com ela).

A ideia das coisas esquecidas na mente, espécie de reflexos enigmáticos, percorre também a obra de Bloy, de Quincey, de Frederick Brown. Em Dick, pode o fenómeno ter origem médica, mediática, mediúnica, sobrenatural.

Outro motivo da escrita de Dick, que se liga logicamente a este, é o da relação entre sonho e realidade. Nalguns dos seus livros, tudo se passa como se, na metáfora conhecida, a vida e o sonho fossem páginas do mesmo livro: lendo-as por ordem, *vivemos*; mergulhando no livro sem atenção, folheando-o, *sonhamos*. Como em Schopenhauer ou William Dunne, o tempo é uno, servindo como prova disso os sonhos, já que podem abranger o passado e o futuro. Mas, sendo uno, pode significar, como se verá, a mera coexistência de entidades temporais.

Os anti-heróis de Dick sonham acordados, ou acordam dentro do sonho. Como nos livros de Le Guin (que gosta de citar “Dream Theory in Malaysia”), a interpretação Freudiana é rejeitada por abusiva e reducionista; colhe-se antes em Jung, para explicar as complexas relações entre “self” e “ego”, insiste-se que “os sonhos se devem explicar por eles próprios”. E o sonho dentro do sonho denuncia vários graus na ilusão, ou realidades cada vez mais complexas. *Ubik*, *Palmer Eldricht* e *Deus Irae* são, a esse respeito, exemplares.²⁴

²⁴ J.H. Levak, *PKD, A Bibliography*, Columbia, 1982

À discussão da realidade e das suas fronteiras tem que ligar-se a *subversão do tempo*: como em Borges, são os séculos que passam em segundos, e os minutos que parecem anos. Se o passado já não existe, o futuro ainda não chegou, e o presente é efémero, o tempo não existe, é uma convenção, ou o fruto dos estados mentais humanos. Aqui se acorrenta também a ideia de recorrência cíclica, que se encontra, por exemplo, em Nietzsche e Spengler, ou, muito antes, em Políbio: não só as personagens de Dick se confrontam com a evidência de que dois factos se podem repetir, como se interrogam se não vivem sempre o mesmo acontecimento.²⁵

Nas obras de Dick em que a dúvida é mais acesa, assiste-se ao desespero da personagem que não sabe se é, ela própria, realidade, ou uma máscara. Em *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, o caçador de andróides não-autorizados chega a perguntar-se se não será também ele um *robot* tão perfeito que possui uma consciência e identidade e aversão a formas não humanas de vida. O círculo vicioso e sufocante é rompido pela consciência de presenças superiores, de uma instância sobrenatural (ou pertencente a outra natureza), multifacetada e complexa, que chega a surgir como parte do universo frágil e inseguro do homem.

Deus ex machina humana.

#C A invasão divina

Pode dizer-se que Philip Dick analisa misticamente o mundo tecnológico, e tecnologicamente o mundo místico.²⁶

A família de Dick vem dos Quakers para, já com o nosso actor, a Igreja Episcopal, onde conhece o bispo Pike, por exemplo. A sua desconfiança do carácter “imperial” do Catolicismo não impede que se tenha interessado pela sua doutrina, embora reconheça que, quando escreveu *Deus Irae*, sabia de menos sobre o assunto religioso central. Mas fala-se muito, no fim da vida e das leituras, do significado do “gnosticismo” pseudocristão de Dick. O que significa, em peso e medida?

²⁵ Lejla Kucukalic, *Canonical Writer of the Digital Age*, Routledge, 2008, explica os níveis de realidade na obra de Dick: a realidade dinâmica, sem sentido (i.e., o quotidiano), a realidade inatingível (i.e., o sobrenatural), e a realidade paralela ao real visível (i.e., a “realidade verdadeira”). “Nada é verdade” ou “tudo é verdade” acabam por se assemelhar, neste universo-dédalo.

²⁶ Paul Williams, *Only Apparently Real – The World of PKD*, Arbor House 1986; Samuel Umland, ed., *PKD: Contemporary Critical Interpretations*, Westport, CT, 1995

Desde logo, a ideia de Apocalipse — no sentido de “revelação” — da *Parousia* invisível, a Presença que não está.

A materialização divina acompanha, como que milimetricamente, as últimas obras de Dick. Surge por etapas reveladas, mas também por avanços e recuos, até à visão suprema.

“Não reinará apenas sobre o universo. Será o universo”. O Cristo cósmico, figura do drama universal, infiltrando a natureza visível, surge progressivamente, até à queda do véu, ou à clarificação do espelho. O autor acaba por verificar que essa força está por toda a parte: como em Spinoza, *deus sive substantia sive natura*.

Mas há um caminho mais profundo de compreensão, que não se queda na contemplação “mágica” de um panteísta acomodado.

É a via do sentido:

“A vitória de Cristo (enquanto Senhor do Cosmos) sobre o determinismo astral (planetário) exprime-se hoje melhor, para nós, dizendo que se trata do nascimento de todo um universo pensante, substituindo outro meramente determinado, causal, mecanismo sem espírito, baseado no destino, ou na sorte cega”.

Por outro lado, há uma questão de dimensão existencial, ou de essência: “o universo não existe. Deus sim. E é maior do que o universo”.

Como se sabe de entrevistas e notas tardias, a militância de Dick no PC dos EUA, a lengalenga “comunista” e estalinista, foram para si parte da escravatura por esse universo de determinismo, até à sua ruptura pela descoberta do Alto.

Pode ser perturbante, para muitos, a verificação desta transmigração intelectual.

Mas está registada²⁷.

Desde *Ubik* que Philip Kindred Dick parecia voltado para a descoberta da luz superior, de um Criador de todas as coisas, das realidades e das ilusões. A ideia de um ser *ubíquo*, presente em tudo e sob todas as formas, liga a dimensão divina à interrogação sobre a existência.

O primeiro argumento Dickiano, não abertamente admitido, mas latente em toda a obra “mística”, equivale à “prova cosmológica” de S. Tomás

²⁷ Numa entrevista de fim de vida, publicada postumamente (5 anos depois do seu funeral), Dick diz que os partidos comunistas de todo o mundo desprezavam a ficção científica, considerando-a fruto do idealismo burguês. Só terão mudado, procurando apropriar-se dos seus temas, após o lançamento do Sputnik pela URSS, e com a maximização tecnológica do império moscovita. Cf. Richard Lupoff, “A Conversation with Philip K. Dick”, in *Sci Fi Eye*, vol.1, n.º 2, Agosto 1987, pp. 45-54

de Aquino: chegando-se às causas das causas, praticando um *regressus ad infinitum*, sobe-se à necessidade da existência de Deus. Ao contrário do céptico Agripa, tudo pode provar-se, porque existe uma prova inicial. Vemos aqui também as raízes culturais que ligam o autor a Aristóteles, a Platão, a Leibniz.

Ubik termina com a dúvida entre a vida e a morte desfeita pela interceção do plano divino, ***que subordina todo o absurdo a uma ordem cósmica determinada:***

Sou Ubik. Antes de existir o universo, já eu existia. Eu fiz os sóis. Fiz os mundos. Criei as vidas e os lugares que elas habitam. Levo-as para ali, ponho-as acolá. Elas vão onde eu digo, fazem o que lhes indico. Eu sou o verbo e o meu nome jamais é invocado, o nome que ninguém conhece. Chamo-me Ubik, mas não é esse o meu nome. Eu sou. Sempre serei.

Este epílogo, digno de João Escoto Erígena (filósofo e teólogo irlandês do século IX, figura eminente do renascimento carolíngio, que é abundantemente citado em *Counter-Clock World*, onde volta a interrogação sobre as fronteiras entre a vida e a morte) impede que a obra de Dick caia no scepticismo integral.

Nela existe, bem entendido, uma parcela de absurdo, de “revolta dos meios contra os fins”: cartas que não têm significado, pois não chegam a nenhum lado nem possuem nenhum remetente, palavras que nada exprimem, personagens sem lugar, instrumentos que valem *de per si*, etc. Mas há uma linha de união que ultrapassa todas as dúvidas, que atribui sentido a factos dispersos. Isolados, estes parecem disparatados ou irrelevantes. Mas não são. Trata-se de instrumentos, sinais, evidências, provas de algo. Ou algures.

Nem sempre existe, porém uma visão cristã, ou paracristã, do Criador ou da Divindade. Em *The Divine Invasion* e *Ubik*, a tradição religiosa judaico-cristã é auto-assumida, embora a forma de expressão e abordagem seja invariavelmente heterodoxa: na primeira obra, a penúltima de Dick, Deus é uma presença física que foi exilada da Terra, dominada pela Aliança contranatura do partido comunista e da Igreja Católica, inconscientes agentes do demónio Belial. Alguns já leram aqui uma influência do aludido “cristianismo gnóstico” de um William Blake (expresso, por exemplo, no famoso poema *And did Those Feet*, mais conhecido como “Jerusalém”). Em *Ubik*, já se disse, Deus surge como uma ordem paralela a todo o universo em desagregação, albergando este a inteira contradição e loucura, e aquele a perfeição primeira e última, mas autista ou inatingível.

Em *Deus Irae*, Dick refere o problema dos ídolos, da submissão das massas a religiões oportunistas, prestes a usar, ou aproveitadoras da desgraça alheia. Nessas páginas tantas vezes copiadas (por exemplo, nos pós-apocalipses de Stephen King, e em especial em *The Stand*), o homem que destruiu o mundo numa guerra catastrófica foi erigido em divindade pela seita dos “Servos da Fúria”, adoradores da violência e da morte. Ambiguamente, porém, sugere-se que o ídolo é ele mesmo um deus que se desconhece, que fabrica involuntariamente um universo alucinatório, onde as imposturas são a única regra. No conto *The Faith of our Fathers*, vê no senhor do Mundo um ser terrível, que mantém a Terra sob uma camada de sedativos, a observar uma falsa realidade. A essa verdade horrorosa acede-se pela droga, *que faz passar da ilusão para o real*.

A dualidade, ou ambiguidade, de uma presença sobrenatural que reinasse sobre o mundo, ou parte dele, surge também nas entrevistas em que Dick refere ter um dia visto uma gigantesca cara metálica no céu. Não era uma aparição universal, dado que ocupava apenas “um terço do firmamento”, ou algo parecido (cito de cor). Tinha um aspecto maléfico, mas suficientemente enigmático. Os olhos eram meras fendas, ou sugestões de órbitas e pálpebras. Era uma aparição divina, ou diabólica? Ou uma tentação do tipo esotérico, em que um ser superior brinca com as suas criaturas?²⁸

Em *The Transmigration of Timothy Archer*, o seu último livro, já referido, Dick retrata a vida e morte misteriosas do bispo herético James Pike, da Califórnia, ex-companheiro de Luther King, que declarou receber mensagens do Além pelo seu filho morto. Aí realça a componente material, física, da entidade divina, e contesta a aproximação das igrejas seculares.

Em *V.A.L.I.S* refere a última heresia, a tentativa do homem para explicar cientificamente Deus. Mas deve hesitar-se, antes de atribuir imediatamente a Dick a classificação de “heresiárca”.

Em primeiro lugar, isso suporia uma interpretação literal da sua obra, ignorando alguns aspectos simbólicos, metafóricos, parabólicos. Ou de aceitar as ironias e os desesperos, os sofismas e o mero prazer da ficção, como declarações teológicas sérias, ou panfletos político-religiosos. Por outro lado, Dick parece seguro das suas convicções, alicerçadas num bom conhecimento de teólogos e dogmáticos cristãos (alguns amigos lembram-se de cursos de filosofia ministrados por Dick, durante as férias, na Califórnia, e de seminários na universidade de Vancouver, onde recebeu um doutoramento honorífico, e ficaram sempre impressionados com a

²⁸ Anne R. Dick, *Search for Philip K. Dick*, 1928-1982, Point Reyes Cypress Press, 2009; Lawrence Sutin, *Divine Invasions: A Life of Philip K. Dick*, Da Capo Press, 2005

profundidade lúcida do conferencista). Como último aspecto, refira-se que, mesmo quando insinua a maldade de alguns actos divinos, tenta abordar o difícil problema da *tentação*. A parte final do Pai Noso diz, originalmente, *et ne nos induces in temptationem*, que significa literalmente *não nos submetas a tentações*, embora a acepção corrente seja *não nos deixais cair em tentação*.

Essa ideia de que o homem passa por provas duras, que muitas vezes não entende totalmente, mas que podem representar a conquista da Vida Eterna e que são colocadas pelo próprio Deus, é de várias formas nuclear aos livros de Dick. Mas em *Divine Invasion*, encontra-se também uma chave decisiva: num diálogo comparável à *Tentação do Deserto* das escrituras, Emmanuel, que aprende a sua missão de reconquista, ouve os argumentos de Belial, transformado numa inofensiva cabra. Este refere precisamente que, se Deus coloca os homens à prova, ele é também o Criador do Mal, porque no fundo criou tudo e todos. E conclui que se o Bem cria o mal, os dois perdem o seu valor absoluto.

Mas a resposta a esse paradoxo é, depois, fornecida pela acção de Elijah, que prova ser a fé o elemento salvador: duvidar do próprio Bem é questionar a Salvação, pensar que Bem e Mal se equivalem, é ignorar que o segundo representa as trevas da imperfeição, que cobiçam a luz perdida sem nada fazer para a alcançar.

Por outras palavras, não há redenção mole, sem esforço, baseada na mera espera do escravo por um libertador (para citar Ezra Pound), espécie de preguiça metafísica do que se senta sobre os próprios pecados, aguardando por que estes sejam varridos por baixo do tapete.

Neste penúltimo livro de Dick, que não pode ser descrito, mas apenas lido, o importante não é a coerência teológica do autor, mas a natureza e a forma dos problemas que põe. De forma avassaladora e difícil, coloca, em algumas centenas de páginas, toda a questão do Pecado e da Salvação, da Terra e do Céu, da luz caída e da verdadeira luz.²⁹

The Divine Invasion será talvez a melhor prova de que era verdade o afirmado por um amigo próximo de Dick. O facto de as suas visões e universos serem exaustivos, intrincados, paroxísticos e paradoxais, aptos a diversas (inúmeras) interpretações, é a prova de que o seu autor se baseava muito mais numa “química interna” do que na reacção provocada por estimulantes.

A preocupação mística e o anti-reducionismo Dickiano são a última

²⁹ McKee, *Pink Beams of Light from the God in the Gutter*, UPA, 2004, 96 páginas sobre a “religião” Dickiana; Mark Steensland, *The Gospel According to PKD*, DVD First Run Features, 2001

chave da sua obra: como em *The Doors of Perception*, de Huxley, Dick afirma que a única fuga para os viciados em drogas fortes é o regresso à realidade, e a redescoberta nela dos grandes problemas de sempre, bem mais complexos do que os paraísos artificiais.³⁰

#d Política, sociedade, anti-utopia

Como vimos atrás, Dick não é um escritor que abdica da opinião corrosiva, embora não se possa considerar, em nenhum aspecto, um panfletário, ou um agitador pronto a usar por militantes, espécie de Che Guevara ou José António Primo de Rivera da ficção especulativa.

Numa carta quase surrealista, Dick descreve a visita de um grupo de “intelectuais marxistas europeus” (incluindo o músico de “rock progressivo” Richard Pinhas, e a sua atraente mulher, tratada por Dick como uma espécie de Mata Hari, que “infelizmente, partiu com os restantes”), que lhe viriam colocar uma armadilha: obrigá-lo a certificar, com a sua assinatura, a interpretação “comunista” dos seus principais textos. Mesmo assim, Pinhas, que tinha criado o grupo electrónico Heldon, em 1977, e fora apresentado a Dick em Los Angeles (por Norman Spinrad), em 1973, conseguiu que o escritor desse a sua voz a um dos seus álbuns. É *Tranzition (Rune 186)*, com Dick a declamar “Moumoune Girl”.

Pinhas, um discípulo e amigo de Gilles Deleuze, tinha sido professor na Sorbonne, e entrevistou Dick para a revista *Actuel*. Nunca cessou de o louvar, assim como um companheiro, Maurice Dantec, chefe de fila dos ficionistas inspirados por Dick, em França³¹.

Claro que, apesar deste *caveat*, precisa de se notar o carácter eminentemente “político” do universo literário Dickiano. E de se referir, episodicamente, a vida real do autor: a sua marginalidade e o que pode parecer “esquerdismo”, de uma determinada óptica, não impediram que escrevesse repetidas e longas cartas ao FBI, denunciando outros escritores, colegas, meros conhecidos, amigos e protectores, geralmente associando-os a potências estrangeiras. Curiosamente, como se sabe de biógrafos e ex-mulheres, Dick deitava muitas destas missivas no lixo, por achar que a polícia judiciária federal as iria encontrar lá, de propósito, como nas “caixas mortas” dos espiões.

³⁰ Dick, a sua ficção “farmacológica” e as diversas dimensões das drogas (experimentadas, projectadas, descritas, imaginadas, etc.), cf. Philip Purser-Hallard, “The drugs Did Work”, em *The Guardian*, 12 de Agosto de 2006.

³¹ Cf. Maurice Dantec, *Les Racines du Mal*, Gallimard, 1995

Stanislaw Lem, o seu grande vulgarizador e protector na Polónia, por exemplo, aparecia como o cérebro de uma rede do Pacto de Varsóvia para o denegrir, e se calhar raptar. Numa carta de 2 de Setembro de 1974, Dick explica que Lem, muito provavelmente, “não é uma pessoa, mas um comité” securitário e policial, comandando de Cracóvia uma operação especial sobre Dick.

Rivais e outros, fosse por conflito pessoal ou inveja, ou real espírito paranóico, eram agentes secretos conspirando contra si. Apontava um alegado militar da Força Aérea, provavelmente nacional-socialista, Harold Kinchen, como chefe de uma conspiração para lhe assaltar a casa. Listava uma série de “marxistas” estrangeiros, apostados em perverter o sentido da sua obra, como vimos. Aí vinham Peter Fitting, Darko Suvin e Franz Rottenssteiner, agente de Lem nos EUA. O escritor Thomas Disch, que escrevera *Camp Concentration* (sobre uma América totalitária do futuro), aparece como envolvido numa trama neonazi ou comunista, inspirada por traficantes de armas, e uma cabala para infectar com sífilis toda a população dos EUA. Havia ainda, segundo o escritor, a ideia — promovida por um misterioso agente, de nome de código “Solarcon-6”, que quereria instalar códigos nos seus futuros romances ou republicações, para influenciar leitores e criar o mapa da tenebrosa acção a vir.³²

Na escrita e na vida comum, Dick não era, no entanto, nem um “conservador” (embora possa ser um “tradicionalista”), nem um homem “de direita”, em particular nos costumes (com meia dúzia de divórcios à perna), nem alguém que tenha beneficiado financeiramente com informações à polícia. Pelo contrário, recusou o papel de denunciante de estudantes, em 1953 (aliado com a sua mulher, Kleo), quando abordado pela agência federal, e assinou várias petições contra a guerra do Vietname. Disse-se ainda perseguido por dois agentes da “Secção Vermelha” (*sic*) do FBI, os senhores Scruggs e Smith, que o teriam interrogado dias sem fio, deslocando-se a sua casa para indagar das suas simpatias políticas e relação com as drogas.

³² Sobre o sinuoso e estranho percurso de Dick, na sua denúncia paranóica de contactos, editores, tradutores ou simples fãs, cf., por exemplo, Jeet Heer, “Philip K. Dick vs. the Literary Critics”, em *Lingua Franca*, Maio-Junho 2001; Robert Philmus, “The Two Faces of Philip K. Dick”, in *Science Fiction Studies*, vol. 18, 2001, e N. Redfern, *Science Fiction Secrets: From Government Files and the Paranormal*, Anomalist Books, 2010. De notar que Stanislaw Lem, o imortal autor de *Solaris* (desaparecido em 2006), era um genuíno admirador de Dick, explicando que a dimensão religiosa deste não era uma mistificação, e devia ser tomada muito a sério, explicando ainda que o autor era um filósofo, no meio de anões intelectuais. Cf. S. Lem, “A visionary among the charlatans”, SF Studies, n.º 5, vol. 2, Março de 1975, tradução de Robert Abernathy.

Pode dizer-se, apesar da simplificação, que se tratava sobretudo de — no plano político como nos outros — de um espírito livre. Famélico, miserável, com manuscritos recusados e obras de fraca tiragem, mas liberto e inesperado.

Como espírito livre, pôde escrever contos atacando acidamente o aborto (*The Pre-Persons*), criticar violentamente os meios militares e políticos americanos (*Dr. Bloodmoney, Man in the High Castle*), escrever contra o “Estaline na alma” (*Vulcan’s Hammer, Deus Irae, Time Out of Joint*), denunciar as manipulações políticas e os lugares-comuns da civilização anglo-saxónica (*Penultimate Truth, Solar Lottery, The Man who Japed*), e construir várias anti-utopias (*Deus Irae, Do Androids Dream..., Counter-Clock World, etc.*).³³

Claro que a Ficção Científica pré-Dickiana, e a literatura geral, tinha já tradição nesta matéria. Por outras palavras, a distopia não é uma invenção de Dick.

A versão negativa da utopia foi cunhada, em 1868, por John Stuart Mill. Falava então o filósofo, político e economista, da “distopia” ou “caco-topia”, ou aquilo que é demasiado mau para ser praticável.

No ramo distópico, um clássico do princípio do século XX é, obviamente, *We*, de Yevgeny Zemyatin, escrito em 1921, com a sua concepção de mundo carcerário, totalitário, racionalista, utilitário, tecnocrático, autocrático, aparentemente socialista e colectivista, massificador e concentracionário, mas concretizado numa misteriosa oligarquia criadora de uma nova linguagem, de uma nova historiografia, de uma nova moral e até de uma nova mundividão do futuro.

O grande E. M. Forster, celebrizado pelos retratos mordazes da sociedade de classes britânica (*Howard’s End, Room with a View, Maurice*), concedeu também alguma atenção à ficção científica distópica, em 1909, com o brilhante conto *The Machine Stops*. Relato humanista e pessimista de uma sociedade controlada por máquinas, de indivíduos isolados e (aparentemente) resignados, antecipa, se não alguns temas, pelo menos o clima “negro” do Dickianismo. E coloca a questão, que já tratámos e trataremos, das formas institucionais de controlo da tecnologia, também uma obsessão (talvez menor) Dickiana.

³³ Baccolini, Moylan, ed., *Dark Horizons*, Routledge, 2003; M. Keith Booker, *Dystopian Literature*, Greenwood Press 1994; Thomas Moylan, *Scraps of the Untainted Sky*, Westview 2000; P. Wegner, *Imaginary Communities*, Univ. of California Press, 2003. Curiosamente, algumas obras convencionais, como D. Hassler, C. Wilcox, ed., *Political Science Fiction*, USCP, 1996, ignoram totalmente a contribuição política de Dick para a “ficção especulativa”, quando esta é reconhecidamente maior.

Katharine Burdekin, em *Swastika Night* (1937), ensaia um outro tipo de visão negativa do futuro, baseada, por um lado, em especulação sobre rumos possíveis, e por outro na reunião de dados verificáveis no então presente. Trata-se de um muito distante devir, em que o Terceiro Reich cumpre a profecia de um império milenar, e em que Hitler se transforma numa espécie de santo laico, revisitado até ao seu aspecto físico, e seguido por massas acéfalas ou acríticas. Não temos provas, no entanto, de que Dick conhecesse esta obra obscura.

Sinclair Lewis, nome maior das letras americanas, também entrou na arena das distopias, com *It Can Happen Here*, de 1935. Não se trata de um relato fantástico de um futuro remoto, mas um grande fresco pessimista de uma América próxima, populista e neo-nazi, que alguns viram como uma espécie de revisão do género por um lente filo-marxista.

E houve, claro, Orwell e Huxley, e Anthony Burgess, e muitos aspectos de Verne, como antecessores distópicos de Dick. Mas este criou uma versão de marca.

A discussão sobre o carácter “existencial” da utopia negativa de Dick surge, por exemplo, em Roberto Bolaño y Rodrigo Fresán, *Una Conversación Electrónica sobre Philip K. Dick: Dos Hombres en el castillo, Bifurcaciones*, Junho 2002, acessível em http://www.bifurcaciones.cl/006/Letras%20libres%20-%20Fresan_Bolano.pdf.

Aí se diz que na obra de Dick, não há nem utopia, nem distopia, mas “entropia”.

Às vezes Dick gostaria de acreditar em Deus, como ser coerente e reconstrutor. Outras vezes limita-se a descrever o que ouve e vê: um universo que morre lentamente.

O problema religioso em Dick, já abordado, transportado para a imaginação da sociedade futura, produz distopias específicas, baseadas no triunfo dos altares e das crenças, depois do fim de tudo.

A ideia de uma Idade Média pós-nuclear, em que os mosteiros são os últimos depositários da cultura, da civilização, dos livros restantes, aparece, de forma soberba, no romance de Walter M. Miller Jr., *A Canticle for Leibowitz*, muito precocemente, em 1960. A experiência da destruição do mosteiro beneditino de Monte Cassino, durante a segunda guerra, levou o autor (que participou nos ataques aéreos) a uma espécie de “peregrinação interior”, que o colocou à porta dos grandes mistérios da religião. Miller converteu-se ao catolicismo em 1947, mas manteve-se sempre numa posição crítica, céptica e heterodoxa.³⁴

³⁴ Cf., sobre as dimensões religiosas e “teológicas” de Dick e Miller, R. Reilly, ed., *The Transcendent Adventure: Studies in Religion in Science Fiction/Fantasy*, Greenwood Press, Westport, Connecticut, 1985. O “terceiro testamento” de Miller é tratado no capítulo 12. A preocupação de Dick com as “charadas eternas” surge no capítulo 8.

Muito antes de Dick e Miller, em 1908, Robert Hughes Benson publicou *Lord of the World*, descrevendo um futuro centrado no conflito entre uma Igreja Católica acossada, cercada, reduzida a poucos núcleos, e um crescente império secular, baseado na Franco-Maçonaria, numa combinação capitalista-comunista e numa espécie de anti-papa críptico. Quanto a G. K. Chesterton, deu-nos em 1914 o genial e perturbante (se bem que irônico e “ligeiro”) *The Flying Inn*, em que o futuro é também dominado pela religião. Mas trata-se do Islão e trata-se do Reino Unido. Este passa a ser governado por uma elite muçulmana “progressista”, que proíbe o consumo de álcool e estabelece uma espécie de “Lei Seca” na Inglaterra, Escócia, no País de Gales e na Irlanda, mas com vácuos legais, preenchidos por um duo imaginativo de vendedores.

Outro nome maior da ficção científica “artística”, popularizador de enredos onde a religião possui relevo, quer de forma admitida, quer revestida de alusões mitológicas, tecnológicas, teatrais, poéticas, foi Cordwainer Smith (falecido em 1966), professor universitário e especialista em guerra psicológica, poliglota e ex-militar, nome marcante de várias gerações. Mas não vemos nota sobre Smith na lista de influências Dickianas.

O que não quer dizer que não houvesse conhecimento, ou contactos.

Curiosamente, nenhum destes nomes aparece como fundamental nas memórias de Philip Dick. De certa forma, é como se tivessem vivido em universos paralelos.

Por quase todos os seus livros, o espírito anti-utópico de Dick, seja entrópico ou distópico, perpassa como um vento forte: os andróides e mutantes podem sair das fronteiras que lhes são destinadas, e ameaçar a civilização que os criou; as cidades futuras são albergue de todos os desclassificados, as falhas técnicas nas habitações podem fazê-las gelar ou assar os seus ocupantes; a fome, a escassez de recursos, o domínio de clãs e a autarquia intranacional e internacional podem suceder a uma guerra generalizada; as vítimas da tecnologia são tantas como as das falsas realidades; o futuro humano não será muito diferente do seu passado, mantendo-se qualitativamente as relações massas/elites, governantes/governados, partidos/igrejas/Estado, exército/poder civil.

Em *Solar Lottery*, romance político por excelência, reproduzem-se temas próximos do *Erewhon*, de Samuel Butler, e da *Lotaria da Babilónia*, de Borges (“como todos os homens de Babilónia, foi procônsul; como todos, fui um escravo”). A sociedade futura assiste à generalização do “Minimax”, uma complexa lotaria que se baseia em jogos de conhecimento, e que oferece como prémio final um estatuto social e político, em vez de bens de consumo.

O posto máximo de *Quizmaster* pode também ser ganho por esse método, mas o dirigente tem de se confrontar com concorrentes e assassinos legais, que possuem um prazo para o fazer desaparecer. Como na realidade, grandes interesses de grupo alteram todo o discurso ideal sobre a origem do Poder e a sua fundamentação.

Neste caso repete-se uma velha ideia dos Antigos, segundo os quais a democracia, em boa lógica, devia implicar um sorteio, e não uma eleição, já que aquela pressupõe que todos possam, em teoria, ser escolhidos para governar, independentemente dos recursos materiais e intelectuais de que disponham.³⁵

As distopias Dickianas são mais anti-utopias, no sentido em que, muitas vezes, se baseiam num meio geográfico determinado e conhecido, e portanto “real”, mas onde o tempo histórico passou, passa ou passará de forma diferente, ou peculiar. Por outras palavras, temos aqui também ucrônias.

Por um lado, modelos históricos alternativos. Por outro, desequilíbrios no tempo, ou por aparições extrahistóricas, ou por fissuras lógicas, ou por manipulação, como veremos, ou por genuínos exercícios de viagens ao passado e ao futuro, de forma a alterar o curso provado ou previsível das coisas.

Os regimes políticos Dickianos possuem, muitas vezes, essa tentação última: a de se auto-atribuírem capacidade para uma “segunda oportunidade”, corrigindo os males ou fazendo pior.³⁶

#e O fantasma na máquina

Um outro grande tema do universo Dickiano reporta-se às relações en-

³⁵ Umland, PKD, *Contemporary Critical Interpretations*, Greenwood Press, 1995

³⁶ Charles Renouvier costuma ser apontado como o “inventor” da ucrônia, imaginando, em 1857, uma história da Europa como poderia ter sido, e não foi. Cf. Renouvier, *Uchronie: L'Utopie dans l'histoire*, PyréMonde, 2006. Um livro “ucrônico” que percorreu a França do século XIX foi escrito por Louis Geoffroy-Château. Chamava-se *Napoléon Apocryphe*, surgiu em 1836, e foi reeditado, em 2007, pela Pyrémonde. Trata de uma “história alternativa” do bonapartismo, entre 1812 e 1832, com a conquista do mundo e o império universal, e o propósito expresso de ser um panfleto encomiástico e exaltante.

Cf. ainda Eric Henriet, *L'Histoire Revisée: Panorama de l'uchronie sous toutes ses formes*, Belles Lettres, 2004 ; A. Rowley, F. de Almeida, *Et si on refaisait l'histoire?* Odile Jacob, 2009.

Ver ainda Gary Westfahl e.a., ed., Praeger 2002, *Worlds Enough and Time*, sobre o motim da narrativa histórica, e a subversão do tempo, de Dante a Dick.

tre o humano e o técnico, a sociedade e a tecnologia, esta e a ciência, ou mesmo entre grupos cibernéticos pós-modernos e pós-tecnológicos. Como se, por exemplo, se pudesse construir um universo intelectual — da sociologia à ciência política, da filosofia à teoria literária — em que os participantes, criadores e consumidores fossem todos máquinas, ou filhos delas.

Steven Best e Douglas Kellner³⁷, entre outros, dizem que a ficção de Dick representa uma via adequada — radical, não linear, descontínua — de representação daquilo a que se chamaria a transição da pós-modernidade para “outra era”. Os autores citam sobretudo a visão Dickiana de mundos onde as fronteiras do humano e do tecnológico se esbatem, correspondendo a transformações profundas nos campos da biologia, da medicina, da ecologia e da guerra, entre outros.

PKD guia-nos assim num campo que pressentia apenas, de neocapitalismo global e tecnocultura, permanente ameaçados por distrações de destruição maciça, perigo ecológico universal, conflitos especialmente violentos, interrogações não menos sérias sobre o valor da vida humana. “Virtual”, “hiperrealidade”, “implosão”, “simulação”, “entropia social”, temas que viriam a permear as obras de Braudillard e Virilio, entre outros, estavam — na (des)ordem conhecida — no universo Dickiano, onde se esbateram as fronteiras entre a ciência “ficção”, e a ciência “facto”.

Um problema fulcral é o da repercussão da perda de confiança na ciência, e no seu carácter redentor, no âmbito da chamada “ficção científica”. Tal declínio, ou pessimismo, é o espelho das distopias e de um debate complexo: Dick discute não apenas as consequências de certo “progresso” (sem “ética”), mas ainda o problema da possibilidade, ou não, de gestão controlada do mesmo. Onde estarão, no fundo, as garantias de humanidade científica, para homem do futuro?

Dick raciocina não apenas sobre a capacidade de destruição total, pós-atómica, mas sobre a possibilidade ainda mais sinistra da substituição geral da humanidade por outra coisa: uma cópia perfeita, um “clone” massificado, ou uma maré de servos sem sentidos, atolada ao serviço de um demiurgo, de um demagogo, de um falso deus. Noutra dimensão, do Feitiçário de Oz, falando por espelhos e fumos.

Os romances onde figura, em primeiro plano, a relação entre o Homem e a Técnica, lembram, de forma ironizada e sarcástica, a obra precoce de Ernst Jünger. Também Dick escava nos subterrâneos da “totalidade”, da “desumanização”, da “mobilização”. Também Dick discorre sobre o labor futuro, e o quase-arquétipo do Trabalhador.

³⁷ Cf. Best/Kellner, *The Apocalyptic Vision of Philip K. Dick*, em <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/apocalypticphilipk.pdf>

A descrição Dickiana de um futuro hipertecnológico, concentra-se geralmente no fim do século XX, naquilo que, em 1974, pareceria como admirável mundo novo, mas não demasiado longínquo, para existir alguma linha de reconhecimento, credibilidade e familiaridade. Noutros romances, o futuro é muito remoto, para além de diversas construções e destruições, com a terra, os outros planetas e os seus colonizadores devastados e reedificados vezes sem conta. No domínio tecnológico, algumas criações Dickianas parecem traduzir conhecimento interno, por exemplo de agências de investigação ultra-secretas, como a DARPA (que só começou a abrir-se ao público há uma década), enquanto outras seguem o percurso lógico rigoroso de um Verne, para imaginar criações fantásticas, mas plausíveis³⁸.

Depois chegam outros problemas essenciais, já sugeridos. O primeiro: será a sociedade técnica, levada ao extremo, capaz de resolver os grandes problemas da humanidade, da fome à sobrepopulação, do crime à corrupção, da violência à manipulação do poder?

A resposta é, em geral, negativa. E quando é positiva, trata-se sempre de uma observação irónica, ou “fantasia” dentro da fantasia, como quando a realidade fabricada pela tecnologia apenas parece risonha, escondendo abismos de depravação e insucesso.

A seguir, e ligado ao problema da definição do “humano”, vem a questão da definição da “máquina”:

Em muitas obras de Dick, esta estrutura possui gerações de criadores, antes do produto final: nesse sentido, por exemplo, o andróide fabricado por andróide, por sua vez produzido por uma supermáquina criadora, olha para a humanidade como um mito quase-religioso. Para o robot de última geração, a realidade é a máquina.

A actual concretização de células totalmente artificiais, sempre pela mão do prof. Venter, sugere que podemos estar no ponto zero desta caminhada, em que uma humanidade fabricada no laboratório, sem amor nem sexo, coexiste com uma humanidade criada pelo amor e pelo sexo.

Por outro lado, há, nessa dimensão da proveta eterna, a questão dos humanos parcialmente alterados, ou mutantes, ou traficados, que acabam por incorporar segmentos de tecnologia no seu corpo e cérebro. As suas percepções podem misturar-se com falsas memórias, com sentimentos telecomandados ou preparados. As suas realizações podem ser superiores às máquinas, e aos outros humanos, criando-se assim uma espécie de problema de mestiçagem, não já entre raças, mas entre máquinas e homens.

³⁸ P. Warwick, M. Greenberg, eds., *Robots, Androids and Mechanical Oddities: The Science Fiction of Philip K. Dick*, Southern Illinois Univ. Press, 1984

Num dos romances, um andróide feito à imagem e semelhança de Abraham Lincoln revolta-se contra os proprietários, por não querer ser vendido. Como os escravos da Secessão, quer quebrar as amarras da servidão.

Por fim, temos o também já aludido problema da possibilidade de controlo da tecnologia.

Falamos de controlo tecnológico, mas ainda de mecanismos de segurança e defesa, de normas legais, de compromissos deontológicos, de freios morais. Nalguns romances, a humanidade, ou um grupo dirigente, ainda possui alavancas de domínio, decisão, comando, e formas de impedir desastres, ou de corrigir falhas. Mas noutras dá-se a depois muito copiada “revolta das máquinas”, espécie de versão massificada e detalhada da rebelião do computador HAL, de Arthur C. Clarke, que por sua vez actualizava o arquétipo de Mary Shelley sobre o monstro de Frankenstein.

Muitos dos elementos de reflexão nesta área lançaram as raízes da chamada ficção “cyberpunk”, em geral pessimista sobre o progresso ilimitado, e continuadora dos paradoxos Dickianos, do espaço sideral para o ciberpáço, do espaço exterior para espaços interiores aos novos *media* electrónicos, dos foguetões para os *microchips*, e das armas de raios para os vírus de computador, os *malwares*, os cavalos de Tróia. Dos generais, enfim, para os carniceiros de rede, os *hackers*.³⁹⁾

#f O engenho final: que realidade, na verdade?

Em *Simulacra*, volta a manusear-se o tema da alteração conveniente ao tempo, tal como ele é contado. Mas desta vez trata-se de uma América

³⁹⁾ Sobre o movimento “cyberpunk”, tem de se falar primeiro do fundador, William Gibson. O seu livro fundamental continua a ser *Neuromancer*, Ace 20th ed., 2004 (1984); cf. Ainda J. Baradit, *Ygdrasil*, Santiago, 2005; Lance Olsen, William Gibson, Borgo Press, 1992; B. Sterling, *Mirrorshades. The Cyberpunk Anthology*, N. I., 1986; M. Hotz, *Traversing Virtual Spaces. Body, Memory and Trauma in cyberpunk*, Heidelberg 2006; C.B. Yoke, ed., *The Cultural Influences of William Gibson, the “Father” of Cyberpunk Science Fiction*, Edwin Mellen Press, 2007.

Na linha de Dick, e investigando algumas das suas premissas, cf. N. K. Hayles, *How we became posthuman*, Univ. of Chicago Press, sobre a extensão pós-humana da tecnologia. Como nota a autora, mesmo a expressão “inteligência artificial” mostra como o conhecimento se autonomizou da pessoa, do indivíduo, da sociedade biológica, da humanidade, do humano, enfim.

pós-nuclear, “gótica”, em que o presidente é uma máquina, e o judeu Gotz dirige um grupo neonazi. Este pretende trazer Hermann Göering do passado, para apagar as lendas negras sobre os campos de concentração e “reabilitar” o III Reich.

Já em *Now Wait for Last Year*, Eric Sweetser experimenta uma droga que o faz um *pivot vivo* da História, manipulando-a e repensando-a. A “realidade” é aqui o ano de 2055, em que a Terra se aliou, sob a égide do secretário da ONU e ditador do mundo, a uma raça alienígena, na sua luta contra um planeta de insectos.

Toda a obra anti-utópica de Dick lembra um precursor, Émile Souvestre, que em 1846 escreveu *Le Monde tel qu'il sera*. Aí já se pintava um futuro negro e alucinante, em que as cidades são gigantescas cloacas, e um pequeno país como a Suíça foi comprado por uma companhia, rodeado de muralhas e explorado como parque de repouso e diversão.

À sua maneira, Dick também previne para as armadilhas que o futuro pode reservar aos optimistas. Mas pelo facto não se torna um ecómano, ou um adepto do *crescimento zero*. Limita-se a observar a vida, a recusar qualquer cárcere mental, e, verdadeiro *Homem do Castelo Alto*, acredita na Salvação (outra coisa é discutir o roteiro para a Mesma), enquanto constrói, ou descreve, ou reinventa as várias estradas onde se espelham as ruínas do globo.

A manipulação da história, com possibilidades tecnológicas inimagináveis, e certamente muito mais completas do que os meros retoques fotográficos do estalinismo, associa dois elementos da obra Dickiana, que se ligam à anterior “teoria da conspiração” sobre a permanência do Império Romano, espécie de velho cárcere universal que continua a prender, a torturar e a fazer desaparecer, submetendo as massas pelo ilusão.

Por um lado, trata-se do cardápio dos meios de manipulação, e das soluções visuais e existenciais dos manipuladores.

Por outro, fala-se da interrogação sobre que elementos nos permitem aferir da “realidade” do real, para além do que já se disse acerca das dúvidas sobre o “ser” humano.

Nas suas últimas três obras, em muitos contos, e nalguns romances anteriores, Dick explica como é possível criar uma ilusão: a tecnologia televisiva e cibernética, o cinema, a cirurgia, a electrónica, podem ajudar à tessitura do falso esqueleto. Por outro lado, a discussão sobre a “realidade” do real não é, diz-nos numa comunicação polémica, meramente académica. O crescimento de redes que divulgam “realidades” autónomas e parceiros, muitas vezes não-comunicantes entre si, tantas vezes manipuladas, truncadas, falseadas, domina a vida dos mortais. Há redes de “realidade mediática”, de entretenimento, culturais, militares, policiais, ideológicas, político-partidárias, religiosas, científicas, empresariais, esotéricas, etc., que

entregam ao domicílio do usuário/destinatário mundos prontos a entender, servidos por “hardware” adequado.

Essas redes, diz Dick, tal como fora demonstrado em 1984, de Orwell, agem primeiro pela alteração das percepções, depois pela mudança das compreensões. Pessoa diria “primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Dick acrescentaria: “primeiro divulga-se, depois pensarão como nós”.⁴⁰

O que leva então a perguntar: como definir a “realidade”? Dick explica que, tentativamente, se pode dizer que “realidade é aquilo que permanece, mesmo depois de deixarmos de acreditar nela”.⁴¹

Mas coloca-se então a questão da “realidade” do artificial. Por exemplo, da Disneylândia, cuja aldeia inicial fica perto de uma das casas onde Dick viveu. O Mundo Disney, feito de “falsas realidades criadas por falsos humanos”, e por “falsas realidades que criaram falsos humanos”.

A Disneylândia, onde os animais falam e as madrastas são sempre más. A Disneylândia, onde certamente não encontraremos S. Paulo, mas antes “crianças, turistas e funcionários soviéticos em folga”.

A Disneylândia, que, quando o tempo acabar, verá os seus falsos animais desaparecer, e só então “um verdadeiro pássaro cantará”.⁴²

Mas a queda dos mecanismos de ilusão corresponderá, de imediato, à aquisição da consciência do real?

Eis a questão. Quando Dick falava da permanência de um maléfico império, que nos manteria como escravos na caverna, acrescentava que talvez isso fosse apenas uma nova “ilusão”. Ou uma doença mental do autor. Ou o efeito de uma nova droga. Ou a incompreensão não admitida. Ou um erro. Ou um sonho.

Por outras palavras, a “teoria da ilusão” pode ser uma mera hipótese de explicação da disfunção do mundo, e do autor.

O que não desfaz as questões mais sérias sobre a realidade. Citando os Antigos, Dick lembra que, para Parménides, só é real o que não muda, enquanto que, para Heráclito, tudo muda. Por sua vez, a velhice e morte de Parménides contrariam a sua teoria: sendo mutável, nunca terá existido. Nem a teoria. Quanto a Heráclito, se tudo muda, como pode, em ultima instância, perceber-se a essência das coisas? Se, para Parménides, só a ordem é real, para Heráclito só o caos é verdadeiro. Mas como é possível aperceber a ordem, para além da mudança humana, e como é possível compreender o caos, sem cair nele?⁴³

⁴⁰ PKD, *How to Build a Universe that doesn't fall apart two days later*, 1978

⁴¹ “How to Build”, op.cit.

⁴² *Ibid.*

⁴³ “How to build”, op.cit., e ainda L. Sutin, ed., *The Shifting Realities of PKD: Selected*

Na fase final da existência, Dick começou a ordenar os documentos escritos durante décadas, onde, segundo um editor, “entrava em duelo com o universo” e os seus mistérios, todas as noites, na solidão de um quarto escuro. Chamou ao conjunto *Exégese*.

Essa gigantesca sequela de notas, cadernos temáticos, adesivos com recados, fragmentos, livros inacabados, pensamentos brilhantes e repetitivos, inovadores e contraditórios, desbravadores e puramente insanos, se por um lado confirma a convicção de Dick sobre a sua progressiva lucidez (ou *Anamnesis*, “perda da amnésia”), por outro reúne as leituras, as influências, os autores de marca, os heróis intelectuais, os filósofos marcantes.

Aí está a história apócrifa sobre a expulsão de um curso de filosofia em Berkeley, alegadamente por “contestar a utilidade pragmática do platonismo”.

Aí se encontra a carta ao governador Earl Warren, da Califórnia, aos 21 anos, elogiando o sistema constitucional de freios e contrapesos, e estudando, sem cátedra nem formação, o sistema jurídico-político do federalismo americano.

Lá está o conhecimento e a paixão pelos pré-Socráticos e Bergson, Spinoza e Goethe, Jung e os realistas franceses, a literatura russa, mas também o obscuro Xenófanes de Cólafon.

Aí fica a nota de rodapé sobre o *Timeu*, de Platão: numa observação que lembra o começo do *Silmarillion*, de J. R.R. Tolkien, pergunta-se se Deus criou ou achou o universo. Se o criou, no sentido de nada existir antes desse acto, ou se o encontrou, como se acharam as Américas. E se houve achamento, acrescenta, talvez se perceba que Deus, percebendo o Caos, instaurou a ordem, por amor futuro do homem.⁴⁴

A impressão final sobre Philip K. Dick, sobretudo em *Exégese*, é realmente a de um mago que, encerrado num quarto rodeado de espelhos, multiplica ilusões de destroços. Nos pontos negros de desespero, a obra de Dick porta-se como o planeta imaginário de Borges, *Ukbar*: se a realidade é ilusão, torna-se necessário proibir os espelhos e a paternidade, pois

Literary and Philosophical Writings, Vintage Books, 1996

⁴⁴ Segundo uma linha de reconhecimento póstumo, um jornal central do “sistema” norte-americano, o *New York Times*, anunciou o lançamento próximo da *Exégesis* (*Exegesis*). No original, trata-se de um arquivo de oito mil páginas. A reputada editora Houghton Mifflin Harcourt começará por dois volumes anotados, com cerca de 600 páginas no total, analisados e estudados por Jonathan Lethem e Pamela Jackson. Cf. http://www.nytimes.com/2010/04/30/books/30author.html?_r=1. Cf. ainda Frank Bertrand, “Philip K. Dick et la Philosophie. Une Courte Interview”, em *Yellow Submarine*, 1986, pp. 22-24.

estar-se-ia a multiplicar o ópio. Mas uma intervenção final, superior e decisiva, reagrupa os fragmentos, constrói uma nova ordem lógica, e torna crível o espantoso.

Os problemas começam, então, aí. Atingido pelo raciocínio, pela fé, pela intuição, o divino é insondável: há um hiperreal que fica sempre fechado aos olhos humanos.

No fim do ciclo de dúvidas, Philip Kindred Dick morreu agarrado a essa última e radical certeza. E, para muitos, a revelação de pontos até agora desconhecidos da sua obra, ou a descoberta de novos espólios, assemelha-se a uma série de mensagens pós-tumulares, certamente cifradas, que o autor envia, para se justificar.

Como um Pessoa, mas em que não se sabe quem é homónimo e quem é heterónimo. E onde não se conhece quem está no castelo de quem.

S O B R E O H O M E M D O C A S T E L O A L T O

No famoso *The Man in the High Castle*, reproduz-se, em primeira leitura, um tema conhecido: o dos passados alternativos.⁴⁵

Em *Napoleão bis*, de René Jeanne, *If Germany had Win*, de Randolph Robban, *The Sound of His Horn*, de Sarban, *Two Dooms*, de C. Kornbluth, reproduzia-se já esse motivo obsessivo: e se a História tivesse ocorrido de forma diferente? E se Napoleão tivesse sido feito prisioneiro pelos cossacos durante a Campanha da Rússia, e se o fascista Léon Degrelle tivesse presidido ao Governo da Bélgica do pós-guerra, e ainda se Estaline se tivesse tornado cardeal?

Mas *O Homem do Castelo Alto* só superficialmente, ou por convenção, é “história alternativa”.

Na verdade, trata-se sobretudo de um admirável romance psicológico “existencialista”, de fim anticlimático e desconcertante (que desaponta muitos leitores neófitos), com excelentes soluções linguísticas (por exemplo, na alusão à gíria falada pelo ocupante asiático de São Francisco), seguindo as complexas peregrinações e teias de personagens diversas (arquetípicas ou inesperadas), sobre o pano de fundo de um mundo que, aparentemente, não seguiu o curso histórico que conhecemos, após 1945. Aqui, o desenlace da Segunda Guerra dá-se em 1947, com o triunfo do Eixo, e fica traçado o novo destino com o assassinato de Franklin Roosevelt, em 1936. O seu

⁴⁵ Cf. Karen Hellekson, *The Alternate History. Refiguring Historical Time*, Kent State Univ. Press, Ohio, 2001. O capítulo 4 é exclusivamente dedicado à desconstrução da história convencional em *The Man in the High Castle*.

isqueiro Zippo, usado na altura do crime, continua a ser uma peça de antiguidade procurada pelos colecionadores nipónicos.

Quem procure exclusivamente um relato pseudo-historiográfico, e sobretudo um estudo alternativo do nacional-socialismo (como viriam a fazer Robert Harris e Philip Roth, entre outros), sairá desiludido, a não ser que se apaixone pelas caras que vai vendo aparecer e eclipsar-se, pelas vidas que se tocam sem se cruzar, ou que se cruzam sem se tocar. Foram precisas quatro décadas para que *Babel* (o filme) regressasse a este espírito.

Levar este livro ao cinema seria especialmente difícil. Precisaríamos de uma meticulosa direcção de actores e de grandes intérpretes. Esse, aliás, um dos problemas das adaptações cinematográficas de Dick. Se exceptuarmos *Blade Runner*, tudo o resto é relativamente menor, em parte pela minimização dos papéis individuais.⁴⁶

Em *O Homem do Castelo Alto*, as cinco personagens principais são relativamente densas, complexas, ansiosas por encontrar uma identidade, ou por a camuflar. O enredo onde se movem as pessoas do drama é ainda mais fascinante. Todas vivem um tempo paradoxal, não linear, relativo, com soluções incompletas. São obrigadas a enfrentar encruzilhadas, e a escolher. Diga-se que a escolha pessoal é um motivo maior da obra de Dick, mesmo que não seja sempre evidente.

São estas pessoas de carne e osso, espiões ou vendedores de antiguidades, pequenos burocratas ou desempregados, resistentes ou rendidos, românticos ou realistas, que se erguem como heróis e anti-heróis, respostas sem perguntas e perguntas sem respostas, fios condutores e falsas saídas. É com eles que temos de contar. Só depois se constrói, como um cenário de bruma, desfocado (embora omnipresente e essencial), o mundo “real”. Ou o mundo ameaçado pela realidade. Ou o mundo que baloiça entre evidências, pressentimentos e corredores para os aléns.

Escrito um ano depois da Baía dos Porcos, da tragédia Kennedy, e meia dúzia de anos depois das revoltas contra a URSS, por toda a Europa de Leste (e sobretudo em Budapeste), *The Man in the High Castle* retrata uma outra Guerra Fria, em que a Alemanha é a potência tecnologicamente avançada, sofisticada e cultivada, ocupante da Europa e de parte dos EUA, e o Japão, o império pós-medieval, guerreiro e místico, que toma a Costa Oeste dos vencidos Estados Unidos.

⁴⁶ Sobre a adaptação cinematográfica do universo Dickiano, cf. J. Vest, P. Lopate, *Futu-re Imperfect: PKD at the movies*, Bison Books, 2009; Brian Robb, *Counterfeit Worlds: PKD on film*, Titan Books, 2006; J. M. Robinson, *Blade Runner and the Films of PKD*, Crescent Moon, 2008

E trata-se também de um romance de ocupação e resistência, subvertendo as ideias feitas e os lugares comuns da literatura, mais nobre ou de cordel, sobre a vida na França sob o Terceiro Reich e Vichy.

Os velhos temas, que marcaram e marcarão a obra Dickiana, estão aqui, ao menos em parte, presentes à chamada.

O mais persistente é o da dúvida sobre o universo visível, e sobre o recorte da própria existência. Esta é a marca permanente do autor, o seu pressuposto activo.

Como vimos, como veremos, o scepticismo permanente de Dick é profundo, e só aparentemente ingênuo. Trata-se de perguntar, não apenas “onde está a realidade”, mas “o que é a realidade”. Não apenas “quem sou eu”, mas “o que sou eu”. Não apenas “para onde vou”, mas “de onde venho”, e “onde fico”.⁴⁷

O pseudo-pós-guerra do romance é a falsa-verdadeira história. Mas a um outro nível, trata-se de um mundo paralelo, que se coloca como *alternativa ao nosso*. É uma das várias hipóteses da existência política internacional, mas um livro escrito e existente nesse passado hipotético garante que nada se passou assim: ou seja, que os aliados derrotaram o Eixo. O autor dessa obra de guerrilha/verdade (a palavra é uma arma) vive “livre”, numa casa fortificada, nas montanhas. Possui a chave da placa giratória entre o imaginário e o real.⁴⁸

O mundo é um sistema de forças que se movem em volta de ponteiros magnéticos, neste caso o *I Ching* milenário e o manifesto historiográfico/político que nele se inspira, duas obras que contêm uma verdade alternativa, a visão de uma vida diferente, a “história real”. Será, nessa óptica, o mundo que viu Ialta e Hiroshima, o verdadeiro? Ou alguém detém, algures na terra, o mapa da verdade?

Relaciona-se com este conjunto temático o problema das falsas memórias, da manipulação (política ou sobrenatural), do advento de um Ser de Algures no tecido da existência humana.

No 2001, de Arthur C. Clarke, temos o monólito pan-temporal e pan-espacial, misterioso unificador dos eventos, catalisador das mudanças e arcano existencial, onde tudo começa e tudo acaba, para recomeçar. Em Dick, no presente romance, há o *I Ching*, o livro das mutações, ou o “castelo” de Hawthorne Abendsen, ou ainda o seu livro “alternativo” (que seria a nossa história real, se...) *O Gafanhoto será um Fardo*.

⁴⁷ Cf. J. Rieder, “The Metafictive World of the Man in the High Castle: Hermeneutics, Ethics and Political Ideology”, em *Science Fiction Studies*, n.º 45, 15:2, pp. 214-225, 1988.

⁴⁸ L. Campbell, “Dickian Time in the Man in the High Castle” em *Extrapolation*, 33:3, pp. 190-201

Noutras obras maiores temos as crípticas chaves V.A.L.I.S. ou *Ubik*, a plataforma de jogos de personagens (“role playing”) de *Os Três Estígmas de Palmer Eldritch*, ou a nave espacial (que ousaríamos chamar da Sagrada Família), em *A Invasão Divina*.⁴⁹

Outro motivo Dickiano, presente neste romance ganhador (apesar das modas) é o das elucubrações geopolíticas ucrónicas/utópicas/distópicas. Diversos autores de utopias e distopias (ou utopias negativas, se quiserem) terão descrito o *locus* da Cidade Perfeita ou Pérvida, mas Dick constrói todo um novo mapa estratégico. É um pouco como a narrativa de fantasia antes e depois de J.R.R. Tolkien. Só com este se passou da fase genérica, do nevoeiro, para a cartografia, a geopolítica, a economia, antropologia, a semiótica e a sociologia do mundo mítico e épico.

Em *O Homem do Castelo Alto*, os vencedores do Eixo depressa criam uma política de coutada conflituante, “Irmãos Inimigos” (para usar a expressão de Raymond Aron) que seriam, divididos pela tradição, pelo interesse, pelas realidades da ocupação, pelas ambições e pelas fortunas do pessoal dirigente.

Na Alemanha, Werner von Braun é — como foi na realidade com os EUA vencedores — o pai da aventura espacial, aqui movido pela obsessão de *lebensraum* dos velhos estrategos: Marte não é só um pretexto tecnológico e uma plataforma científica, mas a incarnação perfeita desse “espaço vital”.

Os alemães triunfantes surgem aqui como seres essencialmente primitivos (“ogres saídos de uma exposição de paleontologia”), impiedosos, moralmente dúbios, mas criadores geniais, trabalhadores febris (“bando de autómatos, sempre a construir e a transpirar”) carniceiros potenciais de laboratório (“homens pré-históricos vestidos de batas brancas esterilizadas”), demenciais manipuladores do ecossistema (por exemplo, com o plano de seca do Mediterrâneo), aventureiros do espaço e das profundezas.

Os co-proprietários do mundo, vindos do império do Sol Nascente, são aparentemente ocupantes benignos, misto de polícias e turistas, mas os seus actos durante a guerra possuem, segundo algumas personagens, páginas negras, lembradas quase a medo.

Por outro lado, os vencidos seguem destinos diversos. Numa técnica própria, que sempre achei apropriada e admirável, Dick trata grande parte do ecossistema internacional com pinceladas, alusões, mensagens enigmáticas, ecos, boatos, trechos de conversas ou notícias, sonhos ou discursos ambíguos.⁵⁰

⁴⁹ Andrew Butler, *PKD, Revised and Updated*, Pocket Essentials, 2007

⁵⁰ J. L. Simons, “The Power of Small Things in PKD’s *Man in the High Castle*”, em *The Rocky Mountain Review of Language and Literature*, 39:4, pp. 261-75

Enquanto seguimos a vida das personagens principais, vamos descontornando o cenário. Observamos as árvores com minúcia, e por vezes aprendemos algo sobre a floresta. Mas pouco.

Nunca saberemos, verdadeiramente, sobre o destino dos povos de África, sobre os propalados campos de concentração na Costa Leste, sobre o verdadeiro destino da ex-URSS, ou acerca da sorte de alguns tesouros — físicos e humanos — europeus.

Os EUA ocupados ou resistem (nas montanhas estado-unidenses ou do Canadá), com base nas piadas radiofónicas de Bob Hope, ou criam uma espécie de “República de Vichy”, de colaboração ambígua com os invasores, ou preparam a recuperação económica, vendendo património nativo (de produtos Disney a artefactos índios, de telefones *Bell* a mantas afro-americanas, de cromos de basebol a armas da Guerra da Secesão).

E há a ironia. Se os americanos tivessem ganho a guerra, observa o autor, na boca de uma personagem fulcral, se calhar andaríamos hoje a ouvir rádios japoneses, e a guiar carros alemães. *Vae victis*, mas com um grão de sal.

“Ai dos vencidos”: perdem a guerra, mas ganharão no tabuleiro da economia de mercado.

E, claro, aí está a discussão sobre as relações entre história e historiografia (“a história está na cabeça, não nos factos”), entre o devir e a possibilidade de sair do curso do tempo mensurável, para o domar e influenciar. Esse o papel do oráculo, do *Livro das Mutações*, espécie de coro permanente do teatro grego, narrador do cosmos, espectador do drama cósmico, espaço para além do tempo, que lhe pode dar e tirar sentido.

E existe a reflexão sobre o mal.

Este é uma substância real e palpável, que assume e forma e consequências. Na barbárie, na Cidade dissoluta, no negrume da alma, pode ser reconhecido, objectivamente. Como diz uma personagem: *O mal não é um ponto de vista... é um ingrediente que está em nós, no mundo. Foi-nos despejado em cima, e entra-nos nos corpos, mentes, corações, até no cimento do chão.*⁵¹

Da torre de menagem às pontes levadiças, eis o castelo intelectual de Dick. Construído sobre rocha sólida. Até à próxima visão.

⁵¹ L. DiTommaso, “Redemption in PKD’s *The Man in the High Castle*”, em *SF Studies*, n.º 77, 26, pp. 91-119.

UM OLHAR DETALHADO SOBRE A OBRA COMPLETA

Segue-se um resumo dos principais romances de Philip K. Dick, dentro e fora do universo da “ficção científica”. Excluem-se os múltiplos volumes com centenas de contos e histórias curtas, e os volumes de entrevistas ou edições epistolares.

A maior parte dos livros aqui referenciados está traduzida em português (pela Argonauta), com versões discutíveis dos títulos. As edições americanas, aqui indicadas por ordem cronológica, surgiram sobretudo na Vintage.

Para quem queira seguir os contos, pequenos ensaios e novéletas, cf., na versão francesa, de grande qualidade, Philip K. Dick, Nouvelles, TI, 1947-1953. Há um excelente prefácio de E. Carrère a este mamute de contos de 1497 páginas, na Denoel, Paris, aparecido em 2006. O tomo dois, referente ao período 1953-1981, com 1390 páginas, fora publicado pela mesma editora em 2000.

Quanto às cartas de Dick, começando precocemente em 1938, o essencial está em The Selected Letters of PKD, Underwood Books, em nove volumes, editados a partir de 1997.

SOLAR LOTTERY (1955) — Em 2203, o senhor do universo é escolhido por uma espécie de lotaria cósmica. Mas ao mesmo tempo o Quizmaster escolhido vê ser também indicado o seu assassino. A distopia refere-se à manipulação dos indivíduos, à estupidez do entretenimento e ao domínio planetário por oligarquias empresariais. A técnica de criação de um andróide capaz de perfurar a cintura de protecção psíquica do Quizmaster é magistral.

THE WORLD JONES MADE (1956) — O adivinho de circo Floyd Jones, percorrendo o mundo pós-apocalíptico, mostra um trunfo: dá às pes-

soas o poder de sonhar, embora se trate de actividade proibida. O circo mutante veio a influenciar o género. Segundo a Lei de Relativismo de Hoff, é interdita a exposição de meras convicções como factos. Nada do que não possa ser mensurável é admitido, como pretensa barreira à ascensão de demagogos. A capacidade de previsão de Jones limita-se a um ano. Sátira à ascensão de líderes populistas.

THE MAN WHO JAPED (1956) — Novíssima Iorque, em 2114, é o centro de um mundo totalitário, venerador da ordem e policiado por robots de vigilância, ao serviço da ideologia dominante, a “Reclamação Moral”, paródia ao maoísmo inicial. A população da terra, que havia sido devastada pela guerra atómica, reconstrói-se em cidades hiperpovoadas, de vida difícil e apertada. As colónias do espaço são ricas, e enviam as suas poupanças e bens para o nosso planeta. Henry Purcell, propagandista do regime e empresário, mas ao mesmo tempo subversivo e iconoclasta, irá protagonizar grandes eventos.

EYE IN THE SKY (1957) — As personagens centrais são acidentalmente transportadas para um mundo inspirado no Antigo Testamento, terrível e rigoroso. Para saírem dele precisam de passar por mais três universos, e sobretudo por uma espécie de sessão de psicanálise, presidida por seres sobrenaturais.

THE COSMIC PUPPETS (1957) — Ted Barton regressa ao vilarejo natal, para descobrir que morreu há muito. Não consegue sair desta terra de contradições, paradoxos e simples partidas de mau gosto. Nem as memórias de infância o salvam. Pelo contrário. E há espectros que rondam: Millgate já não é mesma. Ou é? Ou nunca foi?

O clima claustrofóbico de uma pequena cidade que mais parece uma sociedade secreta, com um indizível terror no armário, foi adaptado vezes sem conta ao cinema, do *Stepford Wives*, de Ira Levin, a clones mais recentes.

TIME OUT OF JOINT (1959) — Uma obra-prima, em qualquer tipo de literatura, e em qualquer lugar/lugar do mundo. Outra vez uma pequena vivenda da América de província. Imaginemos que, à noite, vamos à cozinha buscar um copo de leite. No escuro, tacteamos a parede em busca do interruptor da luz. Nada. O apetrecho está do outro lado da sala. Mas não esteve já ali? Ou nunca existiu? E a electricidade já foi inventada, ou é um sonho? Ragle Gumm, profissional de puzzles, vive uma plácida vida em 1959, mas na verdade é 1998. Alucinação de um peixe num aquário? Quem

controla esse universo visível? E o tempo? O tema, claro, entrou na literatura e no cinema, demasiadas vezes (*Ed TV*, etc.). Ou...

DR. FUTURITY (1960) — Viagem no tempo, o futuro da profissão médica, o resultado da tomada do poder pelos tecnocratas, a distorção da história e do espaço. 150 páginas que sintetizam brilhantemente Verne, Wells, London, Orwell e Huxley.

VULCAN'S HAMMER (1960) — A sociedade perfeita, que sucede à guerra, é regulada por um hipercomputador, isento, racional, omnisciente. Mas por trás da máquina, e do universo de robots polícias que asseguram a ordem, agita-se a seita dos Curadores, e personagens em crise moral, com lealdades divididas.

THE MAN IN THE HIGH CASTLE (1962) — Como traduzir o título do romance? “O Senhor do Alto Castelo”? Mas não se trata de um nobre, nem de um castelão poderoso. E não há sequer, em boa verdade, um castelo. Os hispânicos preferiram “O Homem no Castelo Alto”, para deixar entrar os paradoxos temporais. De qualquer forma, eis uma novela que está isenta de ficção científica convencional, e que mesmo assim capturou a atenção, e o favor, dos leitores, ganhando o prestigiado Prémio Hugo.

THE GAME-PLAYERS OF TITAN (1963) — O Jogo, espécie de *Monopólio*, póquer ou batalha naval da humanidade restante, é uma forma lúdica onde se pode perder uma cidade, um país, uma família. De verdade. Pequeno ensaio sobre a auto-destruição, o desperdício das vidas em rotinas absurdas e a valorização, demasiado tardia, daquilo que é essencial no humano. Sob uma ténue placa de ficção científica, uma grossa fatia de discussão filosófica (implícita).

THE PENULTIMATE TRUTH (1964) — A América trabalha em termiteras subterrâneas. À superfície desenrola-se uma guerra vitoriosa, anunciada regularmente por um presidente de aspecto permanentemente jovem. Uma peça da engrenagem, Nick St. James, virá a descobrir a verdade chocante. O tema influenciou um filme de John Carpenter, *They Live*, escrito por Ray Nelson, e traz ecos de *1984* e *Metrópolis*.

MARTIAN TIME-SLIP (1964) — Marte é uma colónia com falta de água, a terra é governada pela ONU, e as crianças anormais são deportadas. Um casal disfuncional vive os mesmos momentos, com outras persona-

gens, mas, à maneira de Pirandello, a realidade tem diversas “leituras”. E num miúdo esquizofrénico pode residir a salvação.

THE SIMULACRA (1964) — Na América do futuro temos: uma nação dividida entre B (as massas) e G (a elite), um presidente andróide, um psiquiatra que julga ir salvar o mundo, um cidadão convencido de que o seu odor corporal mata pessoas, um líder conspirativo, subversivo, iconoclasta, fascista e populista, capaz de navegar no tempo, um pianista telepático e o seu empresário.

Num regresso breve a *The Man in the High Castle*, a Primeira Dama traz do passado o Marechal do Ar Hermann Goering para reinfluenciar o curso da Segunda Guerra. Nas entrelinhas, temos o habitual tratado sobre o mau governo e a conformidade social. E ainda a possibilidade uma matriarquia perversa.

LIES, INC (1964-2004) — O desenvolvimento do conto *The Unteleported Man*, e um dos marcos da carreira de Dick. Num mundo sem espaço para mais população, pode-se emigrar para um planeta distante, com a condição de não regressar. Um céptico faz a viagem de 18 anos, para descobrir se a Nova Jerusalém é mesmo a terra prometida. A história foi desenvolvida em duas partes, escritas em 1962 e 1964. A segunda é original: 40 mil palavras para ilustrar uma capa providenciada pelo editor. De qualquer forma, este texto esperou décadas para ser publicado, e agregado ao primeiro.

CLANS OF THE ALPHANE MOON (1964) — Alpha III M2, ou Alphane, é uma lua distante, governada por alienados mentais, libertados dos manicómios terrestres, agrupados em clãs, segundo as suas doenças específicas. Numa espécie de jogo de mentes, meio safari, meio sonho, estarão um ex-agente da CIA, a sua antiga mulher, um comediante televisivo...

THE THREE STIGMATA OF PALMER ELDRITCH (1965) — Um livro aparentemente caótico, sobre dependência de jogos e drogas (a Can-D, a Chew-Z), imortalidade e Além, poderes secretos e sonhos, e a possibilidade de um empresário controlar a realidade. E eliminá-la.

DR. BLOOD MONEY (1965) — Estas páginas chegam directamente da paranóia nuclear do tempo, da doutrina MAD, da destruição mútua assegurada, da Guerra Fria. É como se lêssemos o guião alternativo, e mais profundo, do filme de Kubrick, *Dr. EstranhoAmor*. Walt Dangerfield é um radialista e *disc jockey*, sozinho num satélite, entretendo o mundo. E temos

mutantes deformados, sobreviventes da guerra atómica, caixeiros-viajantes, um cientista louco, o Dr. Bluthgeld, e aquele que, pela rádio, o tenta curar.

NOW WAIT FOR LAST YEAR (1966) — 2055. Geopolítica, paranóia, jogos bélicos e transplantes. Numa galáxia envolvida num combate sem fim (entre uma raça de insectos e uma civilização humanóide algo sinistra), que lembra algumas declarações sobre “A Guerra ao Terrorismo” de alguns membros da equipa Bush (2001-2008), um médico (da Companhia Tijuana e Tinta) tem como doente um milionário necessitado de reparações constantes, e que, para o seu aniversário, reproduz a cidade da sua infância, em Marte. Outro doente é um dos protagonistas principais do conflito, o Secretário Geral da Terra Unificada, Molinari, “A Toupeira”, sofredor de maleitas incríveis, mas que surge todas as noites no ecrã, anunciando triunfos. Há ainda relatos paralelos sobre casamentos falhados (a herança de Dick) e narcóticos que fazem viajar no tempo, por pura recreação. Mas com consequências.

THE CRACK IN SPACE (1966), também conhecido como “Cantata 140” — Os mais afortunados fogem ao inferno terreno, para uma espécie de bordel galáctico, o “Momentos Dourados”. Entretanto, com os pés assentes no planeta, Jim Briskin está em campanha eleitoral. Espera vir a ser o primeiro presidente negro dos EUA, e terá de resolver a sobrepopulação no crio-espaco: 70 milhões de pessoas congeladas, à espera de cura para os seus males, e como remédio para o excesso demográfico.

Entretanto, descobre-se um buraco no espaço, e uma realidade paralela, um novo mundo de oportunidades, à mercê de agências de propriedade, bilionários mutantes, detectives privados, políticos venais, andróides de duas cabeças (que conspiram uma contra a outra) e outros caracteres pouco recomendáveis, à beira do indizível. Que rima com invisível.

THE ZAP GUN (1967) — Wes-Bloc e Peep-East são os dois hiperpotentes que dominam o mundo, depois de uma Guerra Fria terminada com os Protocolos de Plowshare (Poughkeepsie?), de 2002. Dois construtores de armas, especialistas nos engenhos de destruição última, precisam de acabar com as suas ficções (ou aldeias Potemkine) e construir reais defesas contra um inimigo comum, vindo dos confins do espaço. A ameaça revela-se com a destruição de Nova Orleães, décadas antes do furacão Katrina. Mas, vistas bem as coisas, a acção passa-se em 2003... Na galeria de personagens, temos um centurião cósmico, regressado do passado, um ficcionista capaz de salvar o mundo, um candidato a grande estratega e os impagáveis “de-

senhadores de moda de armamento". Não sendo um grande livro, e tendo sido considerado pelo próprio Dick como "parcialmente ininteligível", tem pérolas perdidas num mar de sargaços. E continua uma soberba comédia sobre o conflito EUA-URSS.

COUNTER-CLOCK WORLD (1967) — Chegámos à "Fase Hobarth": o momento em que todo o cosmos começa a involuir, e o tempo a andar para trás. As pessoas despedem-se com "olá", e encontram-se com "até amanhã". Os mortos regressam dos túmulos para a vida, e regridem até ao útero. O fim da gravidez é a fecundação. Os livros desaparecem das estantes. Entretanto, um oligopólio chamado Biblioteca comanda o mundo dividido, e a seita negra Udi espera que o seu profeta retorne da morte. Mas quando este eclode, não há revelação. Todos, no fundo, redespertam do velho sono letal. São apenas "factos comuns".

THE GANYMEDE TAKEOVER (1967) — Escrito com Ray Nelson. Os reis vermes de Ganymede conquistaram a terra, mas o governo é difícil, e Mekkis, um aristocrata da classe dominante, tem dúvidas, depois de consultar um oráculo e descobrir o advento de "grandes trevas". Há resistência no Tennessee, protagonizada pelos Negros Islâmicos de Percy X, uma colaboradora que é pivô de TV, e armas psicológicas em massa, e a Teoria da Obliteração, e uma associação médica com um papel na libertação. Mas será mesmo liberdade? Ou purgatório? E para quem?

DO ANDROIDS DREAM OF ELECTRIC SHEEP? (1968) — Comovente, sincero, complicado, brutal. O futuro. Com andróides banidos, caçadores dos mesmos, multinacionais em neopirâmides, casais que controlam a felicidade com drogas, autómatos com crises existenciais, lojas de simulacros de estimulação, uma humanidade rarefeita, depois da morte de milhões e do exílio para o espaço, numa São Francisco escura, poluída, deprimida, em 2021. Na tela, com *Blade Runner*, parte do ambiente transfere-se de forma admirável, mas falta o conjunto de detalhes mais complexos, que põe o problema maior: "O que é a humanidade?" Numa altura de reprodução, por cientistas americanos, da primeira célula totalmente sintética, eis um começo de debate. Há mais de 40 anos.

GALACTIC POT-HEALER (1969) — Numa sociedade distópica, um burocrata conserta peças de artesanato. Nas muitas horas vagas, joga charadas numa cave. A sua existência absurda muda quando uma mensagem na retrete o convoca. É assinada por uma força cósmica chamada Glimmung: num planeta distante, um artesão como ele é preciso para reparar uma cate-

dral. Juntar-se-á a uma multidão de trabalhadores, que criará uma “consciência colectiva”. Ao serviço de quem?

UBIK (1969) — Quem está vivo e quem está morto, em Des Moines, e no Tanque do Êxtase, na Suíça? Que provas temos de uma e outra condição? Nesta obra-prima, a salvação vem em aerossóis, e apercebemo-nos do outro mundo através das cáries dentárias num inquietante adolescente. E há telepatas e contratelepatas, e conspirações de industriais, e duelos numa espécie de ferro-velho do Além, e Ubik, a presença que corre ao lado do livro, brincando com o leitor e com o autor.

A MAZE OF DEATH (1970) — Ao planeta Delmak-O chega-se ou por castigo ou pela prece. Os 14 colonizadores que desembarcam possuem talentos diferentes e devem realizar funções específicas. Mas vão desaparecendo ou morrendo misteriosamente, como se um ambiente de Agatha Christie visitasse a ficção espacial. E há, por trás ou acima, a parateologia Spektrowski, e óbvios planos que ultrapassam a humanidade dos presentes e ausentes.

OUR FRIENDS FROM FROLIX 8 (1970) — Um trabalhador braçal frustrado. Um oligarca tirânico mas apaixonado. Uma casta de megabarões intelectuais. Uma vendedora de propaganda subversiva, no mercado negro global. Um revolucionário que regressa de um esconderijo numa longínqua galáxia, acompanhado do espantoso ser que anuncia uma nova ordem. Entre a libertação e o enchimento de crânios, o que fica?

WE CAN BUILD YOU (1972) — Um narrador explica o cenário. Numa terra alterada, as empresas vendem cópias de pessoas famosas, incluindo o presidente Lincoln. Mas estes simulacros de vida, mais uma vez, podem ter também simulacros de alma, ou memórias metafísicas, ou sentimentos sobre-humanos. E podem recusar-se a ser vendidos. Se Lincoln libertou os escravos, porque é que a sua cópia fiel há-de ser escravizada?

FLOW MY TEARS, THE POLICEMAN SAID (1974) — Outra obra-prima. Numa América totalitária e policial (a seguir a uma guerra civil entre conservadores e radicais estudantis, com massacre da população negra), um popular anfitrião de programas televisivos perde, de um dia para o outro, a sua audiência, o seu emprego, a sua identidade e a prova da sua existência.

Até à última página, o *entertainer* procura explicações para o que se passa. E o leitor vai, de revelação a revelação, de incredulidade a incredulidade.

dade, de surpresa a surpresa, ver-se envolvido numa teia espessa de dúvida, manipulação, falsidades e pistas erróneas. Quanto ao título: é a alusão a uma *Pavane* de John Dowland, o compositor inglês da Renascença que Dick venerava.

CONFESIONS OF A CRAP ARTIST (1975) — Neste romance de ficção geral, um colecionador de ideias bizarras e objectos inúteis, filósofo incapaz e observador indolente, tenta sobreviver na Califórnia de 1950, poucos anos depois de a bomba atómica ter aniquilado os primos dos japoneses que aí subsistiam e sonhavam. Em redor da personagem principal, mais frustrados sortidos e anódinos, num carrossel social perturbante, comovente, irónico, desolador.

DEUS IRAE (com Roger Zelazny, 1976) — Um dos romances maiores da ficção científica. Numa terra pós-atómica, que lembra o “Cântico para Leibowitz”, de Walter Miller Jr., cresce uma seita que deifica o autor da destruição global. Como se dizia na Antiguidade, *Fiat Justitia, pereat Mundi*: “Faça-se justiça, mesmo que morra o mundo”. Esta irmandade enlouquecida, celebradora da ira “purificadora”, irá cruzar-se com um aleijado, artista sublime, que terá de pintar o rosto mesmo do ídolo blasfemo. Miguel Ângelo ao serviço de um papa das trevas. Regressará da provação?

A SCANNER DARKLY (1977) — 1994, EUA: a “Substância D” (de “Death”) está ao alcance da carteira. A esquizofrenia social e a separação do cérebro são rainhas. A lei e os seus agentes movem-se tão em segredo, que não se reconhecem. Olhamo-nos como a um espelho baço, como nos Evangelhos. Aqui, é um sensor.

O livro, trágico, comovente, saturado de humor negro, originou um filme em animação *rotoscope*, bem feito mas demasiado linear, e sem parte da carga pressentida no Dickianismo. O universo é o das drogas urbanas, aparentemente com carácter autobiográfico, envolvendo-se numa hiperrealista descrição dos viciados, dos vendedores, e dos polícias e agentes duplos que se movem neste universo torturado e remunerador, se investigam a si próprios e se perdem. Em conjecturas e no ser. Um dos grandes romances de Dick, fora da “ficção científica”.

VALIS (1981) — O primeiro dos “romances finais”, escrito depois de Dick ter sentido a presença da “luz rosa”. E se a revelação viesse por onde menos se esperasse? E se o Messias falasse por Sofia (o conhecimento), uma menina de poucos anos? E se um culto religioso descobrisse uma inteligência cósmica, causadora de todos os caminhos por onde os humanos devem

escolher? E se Deus parecesse “apenas” um Vasto Sistema Activo de Luz Inteligente? E se fosse mais do que isso, ou estivesse algures?

THE DIVINE INVASION (1981) — Comprei este livro num Clube dos EUA, logo na sua saída. Li-o numa noite mais uma manhã. Não deixa de surpreender o conhecimento Dickiano do Velho e Novo Testamento, dos Gnósticos (chegando a algumas das conclusões de Eric Voegelin, um menosprezado mas essencial filósofo da Política), da Filosofia Helenística, do pensamento medieval, do judaísmo e de algumas cosmogonias orientais. A tese-pergunta é simples: poderá a Última Vinda de Cristo Salvador fazer-se, no meio de um estado totalitário, tecnológico, falsamente piedoso, verdadeiramente blasfemo e descrente, ou iconoclasta? O que encontrará o Deus vindo do exílio?

E, em rodapé, Linda Fox é Linda Ronstadt, amante da obra de John Dowland, o grande compositor da Renascença inglesa, uma paixão de Dick (expressa no título *Flow My Tears, the Policeman Said*).

THE TRANSMIGRATION OF TIMOTHY ARCHER (1982) — O livro antes da morte, sobre o bispo episcopal obcecado pelos apócrifos Manuscritos do Mar Morto, desaparecido na Terra Prometida, que parece falar-nos do mundo de lá. A escrita de Dick tornou-se mais estruturada e madura, sofisticada e como sempre paradoxal, pós-moderna e hiperculta.

RADIO FREE ALBEMUTH (1985) — Feito de recompilações de outras histórias e romances, retorna aos motivos de um regime “democrático” que convence a população de uma guerra infinita, contra inimigos aterrorizadores mas fabricados. Um intelectual marginal, um produtor discográfico, um punhado de estudantes resistem como podem. E ouvem a “Voz de Deus”. Tudo se passa numa América alternativa dos anos 60. E os revoltados podem estar enganados, embarcados num falso culto messiânico. Ou sabem algo que o mundo desconhece? Foi a versão alternativa de *VALIS*.

P U B L I C A Ç Õ E S P Ó S T U M A S

Essencialmente publicados pela Tor, trata-se de livros de “ficcção geral” de Dick. Foram sendo recusados pelos editores, ao longo dos anos, para grande frustração do autor.

Não sendo obras-primas da literatura americana, possuem elementos de interesse suficientes, no entanto, para uma boa compreensão dos

anos 50 e 60, e para datar a “contracultura” nascente. E o estilo é correcto e elegante, as imagens adequadas, o ritmo aceitável, as histórias geralmente sólidas.

THE MAN WHOSE TEETH WERE ALL EXACTLY ALIKE (1984, 2010)

— A história simples de um Americano judeu, bom cidadão, branco, liberal, cosmopolita, a viver na comunidade rural de Carquinez, na Califórnia. Agente imobiliário, Leo Runciter está em conflito com um vizinho troglodita, até à descoberta de verdadeiras-falsas ossadas de um homem do Neandertal, que irão alterar o preço de qualquer propriedade. Ou será que o esqueleto é mais recente, vítima de uma conspiração empresarial contra o ambiente?

IN MILTON LUMKY TERRITORY (1985, 2008) — *Morte de um Cai-xiéro-Viajante, Beat generation*, Kafka, um pouco de Borges e de Beckett, a vida de um vendedor de máquinas de escrever no Idaho, uma viagem pelo noroeste americano, uma série de personagens que surgem e desaparecem, a luta contra a decadência, a paranoia, a dúvida, os esqueletos nos armários, os pequenos segredos das vilórias e terreolas aparentemente plácidas. Uma espécie de antepassado de *Revolutionary Road*.

PUTTERING ABOUT IN A SMALL LAND (1985) — A Califórnia, outra vez, no fim da Segunda Guerra, e no pós-conflito. Um soberbo romance de “ficção geral”, sobre as relações difíceis entre gerações, entre casais e vizinhos, entre pais que procuram uma escola para os filhos, uma vida melhor, o chamado “futuro”, num mundo consumido pelo mercado e governado pela tecnologia nascente. Por onde paira, nesse universo, a alma humana? E a felicidade? Na estrutura, um toque de Pirandello, na versão diversa da mesma realidade, por dois pares de espíritos diversos.

HUMPTY DUMPY IN OAKLAND (1986) — Outra vez a América dos anos 50, do ponto de vista de pequenos empresários do ramo automóvel. Negócios questionáveis, ilusões e brincadeiras caridosas, Psicose, teorias da conspiração, preconceitos sociais e “luta de classes”, pressão económica e uma vida sem heróis nem vilões, com o usual fim retorcido e ambíguo, à la Dick.

MARY AND THE GIANT (1987) — O único romance de Dick que tem como personagem principal uma mulher, Mary Anne Reynolds. Rebelde, explorada, abusada, exploradora, corajosa: das roulettes ao jazz, dos

conflictos e esperanças da Costa Oeste dos EUA, nos anos 50, à desagregação da realidade, das relações, da sociedade, da vida.

NICK AND THE GLIMMUNG (1988, edição ilustrada da Subterranean Press, 2008) — Dick escreveu pelo menos este livro para crianças e jovens adultos. Numa terra onde os animais domésticos estão proibidos, uma família parte para outro planeta para salvar o gato Horace. Mas chegam num clima de guerra entre um ser perverso e a criação. Ensaio, mais do que romance totalmente estruturado, tem um tom irônico de grande qualidade, e antecipa muitas novelas “abertas” do fim do século XX, tendo sido escrito em 1966.

THE BROKEN BUBBLE (1988) — As bizarrias da vida californiana, entre o nascimento do rock, a primeira revolução sexual, a vida das elites, os costumes da classe operária ambiciosa, a ascensão dos impérios da juventude, o cinema e os automóveis, a religião e os falsos profetas, os congressos de oftalmologistas e os artistas de circo. E, nas sombras, sempre outras presenças.

GATHER YOURSELVES TOGETHER (1994) (WCS Books) — Três trabalhadores de uma empresa mineira são deixados numa fábrica, à espera da nova administração comunista, numa China acabada de sair da revolução de Mao. Ecos de romance absurdo, minimalismo, teatro existencial, romance e política em dois planos, e o título retirado da Bíblia. Não sendo o melhor de Dick, é transparente quanto aos processos de escrita, e de prolongamento de situações aparentemente sem saída, ou interesse.

VOICES FROM THE STREET (2007) — Ascensão e queda do homem perfeito (ou não?). Quando um cidadão feito a pulso, trabalhador de sucesso, bem casado e socialmente considerado (na classe média), encontra uma seita religiosa, quer chegar a outros píncaros. O resultado pode ser desastroso. Romance negro, pessimista, desespero do sonho americano (em Oakland, no tempo de Eisenhower), tem no tratamento talentoso da banalidade o centro do génio.

O HOMEM DO CASTELO ALTO

Para a minha mulher Tessa e o meu filho Christopher,
com um grande e tremendo amor.

A G R A D E C I M E N T O S

A edição do *I Ching: o Livro das Mudanças* que usei, e cito no romance, foi traduzida para inglês por Cary F. Baynes, a partir da versão de Richard Wilhelm, e publicada pela Pantheon Books (Bollingen Series XIX, 1950. Bollingen Foundation, Inc., Nova Iorque).

O *haiku* da página 105 é de Yosa Buson e foi traduzido por Harold G. Henderson para a *Anthology of Japanese Literature, Volume Um* compilada e editada por Donald Keene (Grove Press, 1955, Nova Iorque).

O *waka* da página 178 é de Chiyo e foi traduzido por Daisetz T. Suzuki no livro *Zen and Japanese Culture*, de sua autoria (Pantheon Books, Bollingen Series LXIV, 1959. Bollingen Foundation, Inc., Nova Iorque).

Consultei os livros *The Rise and Fall of the Third Reich, A History of Nazi Germany* de William L. Shirer (Simon e Schuster, 1960, Nova Iorque), *Hitler, a Study in Tyranny* de Allan Bullock (Harper, 1953, Nova Iorque), *The Goebbels Diaries, 1942-1943* (edição e tradução de Louis P. Lochner. Doubleday & Company, Inc., 1948, Nova Iorque), *The Tibetan Book of the Dead* (compilação e edição de W. Y. Evans-Wentz. Oxford University Press, 1960, Nova Iorque), *The Foxes of the Desert* de Paul Carell (E.P. Dutton & Company, Inc., 1961, Nova Iorque).

Quero agradecer pessoalmente a Will Cook, eminente escritor de *westerns*, pela ajuda que me deu com referências sobre o período da colonização dos Estados Unidos e sobre artefactos históricos.

Philip K. Dick

Há uma semana que o senhor R. Childan esperava com ansiedade as visitas do carteiro, mas a valiosa encomenda, expedida das Montanhas Rochosas, ainda não chegara. Naquela manhã de sexta-feira, ao abrir a porta da loja, só viu três cartas que o carteiro enfiara pela portinhola: *vou ter um cliente zangado*, pensou.

Colocou cinco céntimos na máquina automática e serviu-se de um copo de chá quente antes de ir buscar uma vassoura e começar a varrer o chão. Em pouco tempo deixou a loja Artesanato Artístico Americano num brinco: com a caixa registadora cheia de trocos, os malmequeres acabados de regar e o rádio a tocar música num volume baixinho, o estabelecimento estava como novo. Lá fora, homens vestidos de fato e gravata apressavam-se em direcção aos edifícios de escritórios da Montgomery Street; ao longe, ouviu o ruído de um eléctrico e, animado, pôs-se à porta para o ver a passar. Também viu passar belas mulheres de vestidos de seda coloridos... Nesse momento, o telefone tocou e ele voltou para dentro para atender.

‘Está lá?’, perguntou uma voz conhecida. O coração do senhor Childan tornou-se mais pesado. ‘Fala o senhor Tagomi. Sabe se o meu *poster* já chegou? Aquele a solicitar a recruta de novos soldados para a Guerra Civil? Disse-me que chegaria na semana passada, lembra-se?’ Tratava-se de uma voz empertigada, nem rude nem educada: *em conformidade com o Código*. ‘Era para oferecer a um cliente... Eu expliquei-lhe isso não foi, senhor Childan? Até paguei adiantado para garantir que o artigo chegava no prazo prometido.’

‘Tive de prestar imensas declarações sobre o seu pedido, senhor Tagomi’, disse o comerciante, ‘eles fizeram-me perder bastante tempo. Como deve compreender, o artigo encontrava-se fora da minha jurisdição e, como tal...’

Tagomi interrompeu-o.

‘Ainda não chegou, é isso?’

‘Não chegou, senhor Tagomi.’

O silêncio que se seguiu por uns instantes arrepiou o senhor Childan.

‘Não posso esperar mais tempo’, disse Tagomi.

‘Claro que não, senhor’, respondeu Childan observando aquela manhã solarenga da cidade de São Francisco através da vitrina da loja.

‘Então, outra coisa! O que é que me recomenda, senhor Chil-dan?...’

Tagomi pronunciou de forma errada, e deliberada, o apelido de Childan: um insulto em conformidade com o Código, mas que pôs a arder o ouvido do lojista. Este gaguejou, sentindo a mão colar-se com suores frios ao auscultador do telefone; dentro da loja cheirava-lhe a malmequeres e o rádio continuava a tocar música, mas ele sentia-se como se estivesse a descer ao fundo do mar. Fora puxado para a Categoria a que pertencia: uma espécie de mortificação inquietava-o sempre naquelas circunstâncias. As aspirações, os medos e os terrores de Robert Childan irromperam à superfície. Eram o seu lastro social. Enrolavam-lhe a língua.

‘Bom...’, murmurou. ‘Um batedor de manteiga, talvez? Uma máquina de fazer gelados datada de 1900?’ Não conseguia pensar. Achava que se tinha esquecido da sua Categoria: achava que era capaz de se enganar a si próprio, mas, com trinta e oito anos de idade, lembrava-se bem de como as coisas haviam sido antes da guerra — os outros tempos. Lembrava-se de Franklin D. Roosevelt e da Feira Mundial — os outros *melhores* tempos. ‘Posso levar diversos artigos ao seu local de trabalho para lhe mostrar?’, ciciou.

Combinaram encontrar-se às duas horas da tarde. *Tenho de fechar a loja*, pensou ao pousar o auscultador. *Que posso fazer? Preciso de tratar clientes como este nas palminhas: o negócio depende disso.*

Ainda a tremer, apercebeu-se de que alguém tinha entrado na loja. Era um casal: um jovem e uma miúda, bem-parecidos e aprumados — a imagem ideal. Acalmou-se e, de um modo profissional, avançou a sorrir na direção dos dois. Estavam curvados a observar com atenção um mostruário; tinham agarrado num cinzeiro requintado. *São casados, pensou Childan, vivem na Cidade das Brumas Ondulantes: os novos condomínios fechados, à beira do rio, voltados para Belmont.*

‘Olá’, respondeu, sentindo-se melhor. O casal sorriu com simpatia, sem mostrar nenhuma condescendência. Os artigos na loja — os melhores que poderiam ser encontrados naquele lado do continente — tinham-nos impressionado bastante. Childan percebeu-o e sentiu-se lisonjeado. O casal não ficou alheio ao efeito que provocara e o jovem disse:

‘São peças muito belas, senhor.’

Childan fez uma vénia.

Marcados pela cumplicidade que nascia do gosto que partilhavam por objectos artísticos, os olhos daqueles clientes, que admiravam tanto aqui-

lo de que ele próprio gostava, permaneciam fixos na sua figura. Agradeciam-lhe por ter na loja aqueles artigos que eles podiam examinar sem qualquer compromisso de compra. *Sim, pensou Childan, estes sabem muito bem em que tipo de loja entraram, aqui não há tolices para turistas nem placas decorativas com os nomes Muir Woods, Marin County ou Estados Pacíficos da América inscritos. Aqui não se vendem brincadeiras, bijutarias ou postais ilustrados com fotografias.* Olhou para os olhos da rapariga: eram grandes e com pupilas escuras. *Seria tão fácil apaixonar-me por uma rapariga parecida com esta, pensou, a minha vida tornar-se-ia ainda mais trágica.* Observou com atenção o cabelo preto e esticado, as unhas envernizadas e os longos brincos de madeira, feitos à mão.

‘Os seus brincos’, murmurou. ‘Comprou-os aqui na cidade?’

‘Não’, respondeu ela. ‘Trouxe-os comigo.’

Childan acenou com a cabeça. Nada de artigos de arte americana contemporânea. Ali, na loja dele, só havia lugar para o passado.

‘Estão de visita à nossa São Francisco ou vivem cá?’

‘Eu vivo cá’, disse o homem. ‘Trabalho na Comissão de Inspecção da Qualidade de Vida nas Zonas Desfavorecidas.’ O orgulho iluminou-lhe o rosto. Fazia parte da elite. Não se tratava de nenhum magala. Não era nenhum daqueles brutos sem miolos que andavam para cima e para baixo na Market Street, assistindo com a estupidez estampada na cara aos espectáculos eróticos. Este homem não perdia tempo a ver filmes pornográficos nem a confraternizar nas academias de tiro ao alvo ou em bares baratos, rodeado de dançarinhas de meia-idade que abanavam os seios enrugados e as ancas em cima dos palcos. Os palcos eram iguais em todas as espeluncas daquela parte marginal de São Francisco, nas quais se podia ouvir a música pirosa que passava por jazz naqueles dias. Bairros da lata que se desenvolveram entre as ruínas, muito antes de ter caído a última bomba. Não. Aquele homem que tinha à sua frente era culto, cortês. Se calhar ainda mais que o senhor Tagomi, que ocupava uma alta patente no Liga do Comércio. Esse era um velho; o feitio dele havia sido moldado durante a guerra, nos bastidores das operações.

‘Tinha pensado em oferecer artefactos tradicionais americanos?’, perguntou Childan. ‘Talvez queira uma decoração nova para os seus apartamentos, aqui na cidade?’ O coração acelerou. *Que seja a segunda hipótese, pensou.*

‘Adivinhou’, disse a rapariga. ‘Queremos decorar a casa, mas ainda não decidimos como fazê-lo. Acha que nos pode ajudar?’

‘Posso visitar a vossa casa, claro’, respondeu Childan. ‘Levarei várias malas com artigos e poderei oferecer inúmeras sugestões. É a minha especialidade’ Baixou o olhar para esconder o entusiasmo: era um negócio

muitíssimo rentável. ‘Estou à espera de receber uma mesa típica da região da Nova Inglaterra, toda em madeira de plátano e feita sem pregos. É de uma beleza e valor inestimáveis. Ah! Aguardo a chegada de um espelho datado da guerra de 1812 contra os ingleses. Também devem estar para chegar artigos aborígenes, como tapetes feitos de pele de cabra e tingidos com corantes vegetais.

‘Eu prefiro a arte urbana’, disse o homem.

‘Sim,’ concordou Childan com urgência. ‘Ouça, senhor, tenho um mural do período que antecedeu a guerra. É um original, em quatro partes pintadas em madeira, e representa Horace Greeley, o fundador do antigo jornal *New York Tribune*. É um artigo precioso e muito estimado.’

‘Ah,’ disse o cliente sorrindo.

‘Também tenho um fonógrafo *Victrola*, de 1920, que foi transformado numa garrafeira.’

‘Ah! Os olhos do homem brilharam de satisfação.

‘Ouça, senhor, ouça! Uma fotografia assinada pela actriz Jean Harlow já emoldurada!’

O homem arregalou os olhos.

‘Vamos combinar os detalhes, senhor?’, perguntou Childan aproveitando a deixa. De dentro do bolso do casaco retirou uma caneta e um bloco de notas. ‘Posso ficar com o vosso contacto, senhores?’

Depois do casal ter saído, Childan deixou-se estar com as mãos atrás das costas a olhar para a rua. *Que alegria!* Pudessem todos os dias serem como aquele. Mas, mais que um bom negócio, e a prosperidade da loja, animava-o a oportunidade de se amigar do jovem casal japonês. A oportunidade de ser olhado como um *homem*, em vez de um *yank* ou, menos mau, um merceeiro de artesanato. Sim, aqueles jovens japoneses pertenciam a uma nova geração que não tinha memórias nenhuma dos tempos da guerra, muito menos dos dias prévios ao conflito. Era uma juventude que surgia como a esperança do mundo. As Categorias, segundo as quais o sistema ordenava os indivíduos, não significavam nada para eles.

Isso vai acabar, pensou Childan. *Um dia destes... A própria noção de Categoria vai acabar. Não haverá mais segundas, terceiras ou primeiras categorias. Só cidadãos. Só pessoas.*

Mesmo assim, estremeceu. Com medo. Medo de lhes ir bater à porta. Releu os apontamentos. Eram o casal Kasoura. Se o convidassem para entrar certamente lhe ofereceriam chá. Iria ele saber como se comportar nessa situação, como se mover e o que dizer? Ou falharia, deixando vir ao de cima a sua hierarquia animal? Traído por um simples *faux pas*...

A rapariga chamava-se Betty. Apresentara uma expressão tão compre-

ensiva; com olhos meigos, cheios de empatia. Ela tinha estado pouco tempo na loja, mas Childan não duvidava que tivesse visto todos os anseios e os receios dele.

Os seus anseios... De súbito, sentiu-se tonto: só tinha esperanças loucas, aspirações quase suicidas. As relações entre japoneses e *yanks* eram comuns, mesmo que se circunscrevessem, somente, a casais formados por um japonês e uma *yank*. Mas o que lhe ia na cabeça? Estremeceu e descartou aquele pensamento. Ainda por cima, ela era casada. Começou a abrir o correio que recebera nessa manhã, esforçando-se por ignorar as ideias perigosas que estava a ter.

Percebeu que ainda tinha as mãos a tremer. Foi nesse momento que se lembrou do encontro que tinha marcado com o senhor Tagomi para as duas horas; as mãos deixaram de tremer e a determinação substituiu o nervosismo. *Tenho de arranjar alguma coisa decente*, pensou. *Mas onde? E como e o quê?* Onde, como e o quê... Bastava um telefonema seu. Tinha muitos recursos. Um faro inato para encontrar coisas raras. Poderia encontrar um Ford de 1929, totalmente restaurado e com a capota de origem (preta, claro), no meio de um monte de sucata — um artigo que, de certeza, ia acelerar a chegada de outros pedidos. Ou podia descobrir um avião do serviço postal que estivesse perdido em algum celeiro no estado do Alabama — também genuíno, com os três propulsores característicos. Talvez a cabeça mumificada do senhor Buffalo Bill, com a sua cabeleira branca e luxuriante — seria um verdadeiro artefacto americano. Faria a sua reputação, enquanto conhecedor especializado, nos círculos da costa do Pacífico, incluindo todo o arquipélago japonês.

Acendeu um charro para se inspirar.

Uma excelente erva da marca *Land-O-Smiles...*

Deitado na cama do quarto que tinha em Hayes Street, Frank Frink não sabia se havia de se levantar. A luz do sol atravessava as frestas da persiana e iluminava o monte de roupa que estava caído no chão; os óculos dele também lá estavam, tinha de ter cuidado para não os pisar. Precisava de chegar à casa de banho pelo outro lado da cama. Rolar ou arrastar-se? Doía-lhe a cabeça, mas não se sentia doente. *O importante é não olhar para trás*, pensou. Que horas seriam? Olhou para o relógio na mesa-de-cabeceira e viu que eram onze e meia. *Onze e meia! Diabos!* Continuou deitado sem se mexer.

Vou ser despedido, pensou.

No dia anterior fizera asneira na fábrica e falara de coisas que não devia com o senhor Wyndam-Matson. Com um nariz grego, anel de diamante no dedo e um fecho *éclair* de ouro na braguilha, esse homem mais parecia

um híbrido entre um socrático e um chulo. Mas impressionava. Era um portento. A mente de Frink começou a divagar.

Pois, pensou, e agora vão pôr-me na lista negra, os meus quinze anos de experiência não me irão servir de nada. E depois o que é que eu vou fazer? Desaparecer?

Teria de comparecer junto da Comissão Avaliadora dos Trabalhadores para que ela passasse a pente fino o seu desempenho, para que lhe fosse atribuída uma nova categoria de trabalho. Nunca compreendera que espécie de relação é que o senhor Wyndam-Matson tinha com os *pinocs* — o governo fantoche formado por políticos brancos da cidade de Sacramento —, nem podia dizer até que ponto é que o patrão era capaz de manobrar os japoneses que puxavam os cordelinhos. A CAT pertencia aos *pinocs*. O Wyndam-Matson mandá-lo-ia falar com meia dúzia de brancos gordos e velhos. Se não conseguisse dar-lhes a volta, tentaria a sorte junto das Ligas do Comércio japonesas: tinham escritórios espalhados pelas cidades da Califórnia, Oregon, Washington, e pelo estado do Nevada, mas eram, na verdade, operadas a partir das sedes situadas em Tóquio. *E se não conseguir entrar em nenhuma?*

Uma porção de planos passou-lhe pela cabeça enquanto se deixou ficar deitado a olhar para a velha instalação eléctrica no tecto. *E se se escapulisse para as Montanhas Rochosas?* Pertenciam aos EPA, podia ser extraditado, se fosse capturado. *Então e o Sul?* Estremeceu e fez uma careta enojada. *Não, o Sul, não!* Era branco, não era? Deviam existir imensos trabalhos para ele no Sul, mais até que aqueles que podia exercer nos EPA, que era onde estava, mas... *Não, não quero ir para o Sul.*

O Sul era unha com carne com o *Reich* em tudo: desde as políticas económicas até às ideologias raciais.

E ele, Frank Frink, era judeu.

O seu nome verdadeiro era Frank Fink. Nascera na Costa Leste, no estado de Nova Iorque; depois do colapso da União Soviética, em 1941, fora recrutado para o exército dos Estados Unidos da América. Quando os japoneses conquistaram o arquipélago do Havai, o exército mandou-o combater para esse lado do continente. Foi assim que se viu na Costa Oeste, mesmo no meio da boca do lobo japonês, quando a guerra terminou. Passados quinze anos ainda não tinha saído daí.

No ano de 1947, no Dia da Capitulação, perdera o juízo. Odiava tanto os japoneses que jurou vingança: embrulhou muito bem as armas, acabandinhias de olear, e enterrou-as no chão de uma cave, à espera que chegasse o dia do ajuste de contas; não sabia, nesse momento, que o tempo curava tudo. Presentemente, quando pensava na tal vingança contra os japoneses e os *pinocs*, com um grande banho de sangue, sentia-se como se estivesse a

ver um velho álbum com fotografias dos tempos da universidade. Sentia-se ridículo. *O Frank “peixinho” Fink vai ser paleontólogo e vai casar com a Norma Prout!* A Norma Prout tinha sido a *schones Mädchen* da turma dele: quem lhe dera terem mesmo casado... Coisas do passado — tão estranhas, naquele contexto, quanto as anedotas do comediante Fred Allen ou uma fita antiga do actor cómico W. C. Fields. Desde o ano da capitulação que ele contactara ou negociara com seiscentos mil japoneses. Os desejos de violência nunca se concretizaram nos primeiros meses do pós-guerra e, com o passar dos anos, perderam relevância.

Alto aí! Houve alguém que... *Um tal senhor Omuro.* Ele comprara uma grande área residencial na baixa de São Francisco e tinha sido seu senhorio. *Um canalha,* pensou. Um agiota que nunca se deu ao trabalho de fazer reparações nos condomínios e que ainda dividiu diversas casas a meio para fazer aposentos mais pequenos, alugando-os a preços elevados. Um explorador dos mais pobres, em especial dos veteranos de guerra que mal tinham para comer durante os anos da Grande Depressão da década de 50. Curiosamente, fora uma liga do comércio japonesa que decepava a cabeça a esse ganancioso. Nunca mais se ouviu falar em casos daqueles, de gente a violar os rígidos — draconianos, até! — mas justos direitos civis prescritos pelo código japonês. Tinha de dar a mão à palmatória, no que dizia respeito à incorruptibilidade dos oficiais japoneses; principalmente aqueles que chegaram ao país depois de a guerra ter acabado.

O estoicismo dos japoneses, e a honestidade com que conduziam os negócios das empresas deles, reconfortava Frink. O Wyndam-Matson seria esmagado como se fosse uma mosca, fosse ou não o dono da fábrica. Pelo menos podia esperar que assim acontecesse. *Acho que tenho fé a mais na Aliança Pacifica para a Co-Prosperidade,* pensou. *Que estranho. Se tivesse contactado com essa designação nos outros tempos teria achado que se tratava de mais um exemplo de propaganda desavergonhada, mas neste momento...*

Levantou-se e cambaleou para a casa de banho. Lavou-se e pôs-se a ouvir as notícias do meio-dia enquanto se barbeava.

‘Não vamos trair este esforço!’, ouviu pelo rádio, ao fechar a torneira da água quente.

Ai, pois não vamos..., pensou com cinismo. Sabia muito bem do que se estava a falar. Contudo, havia algo de engraçado naquilo. Na imagem que fez de uns alemães mal-encarados a marcharem hirtos pelas areias vermelhas de Marte, pelas quais nenhum homem caminhara. Aplicando creme de barbear no rosto, Frink começou a entoar com uma voz teatral:

‘*Gott, Herr Kreisleitter! Ist dies vielleicht der Ort wo man das Konzentrationslager bilden kann? Das Wetter ist so schon. Heiss, aber doch schon...*

O rádio respondeu:

‘A civilização da Co-Prosperidade deve parar e reflectir na nossa proposta de alcançarmos um equilíbrio conjunto entre deveres, responsabilidades e remunerações...’ Era o típico calão que se ouvia nos estratos mais altos da hierarquia. ‘... não falhámos em intuir, há muito tempo, o território em que o futuro dos homens, sejam eles nórdicos, japoneses ou negróides, vai ser posto à prova...’ O arrazoado continuou no mesmo tom, mas Frink já não o ouviu. Enquanto se vestia, murmurou com voz satírica:

‘O clima marciano é *schon*, tão *schon*, mas não há ar nenhum para respirar...’

Os alemães tinham razão, apesar de tudo: o Pacífico não tinha feito nada por colonizar os planetas do sistema solar. Só se preocupava — *empatava* — com a questão sul-americana... Os boches ocupavam-se em atacar as órbitas da Terra e dos planetas vizinhos com imensos sistemas automatizados e autónomos, mas os japoneses brincavam a fazer queimadas nas selvas brasileiras e a erguer prédios de apartamentos, com dezenas de andares, para albergar as tribos dos caçadores de cabeças. Se, *algum dia*, eles conseguirem descolar com uma nave espacial, já os alemães terão dominado o sistema solar inteiro. Nos velhinhos livros de história vinha escrito que a Alemanha ficara para trás na corrida pelos Impérios, mas desta vez a história era outra. Eles aprenderam a lição: nunca voltariam a ficar para trás — em nada.

Frink pensou em África e nas experiências que os alemães realizavam nesse continente. O sangue gelou-lhe nas veias, mas ele recompos-se.

Velho destroço sem utilidade.

Ouviu o rádio:

‘... devemos ter orgulho em colocar as necessidades físicas dos indivíduos de todo o mundo à frente das aspirações subespirituais que possam ter...’

Desligou o rádio. Em seguida, respirando fundo, voltou a ligá-lo.

Macacos me mordam!, pensou. África?! Era preciso ter lata! África rasurada para dar lugar a uma terra *de* — uma terra *do* quê? Talvez nem os arquitectos berlineses o soubessem. Não passavam de robôs, sempre a fazer a mesma coisa todos os dias. Construir não era o ofício deles: dedicavam-se mais à destruição. Monstros! Ogres saídos de uma exposição paleontológica de pesadelo, prontos a fazer tigelas com os crânios dos inimigos; uma grande família reunida para chuchar os miolos expostos. Porque não fazer cadeiras com tíbias humanas? Tinha o seu quê de económico — de frugal — a prática de comer as pessoas de que se desgostava, mas usando as caveiras delas como pratos. Era uma evolução

da técnica. Cavernícolas de bata branca, num laboratório universitário em Berlim, a experimentar diversos usos para crânios, peles, orelhas e gorduras humanas. Ja, Herr Doktor, *um novo uso para o dedo grande do pé, veja como a articulação pode ser adaptada para se criar um pequeno isqueiro ultra-rápido. Só é preciso que o Herr Krupp produza este protótipo em grandes quantidades.*

Aquilo deixava-lhe os cabelos em pé: o atavismo canibal, presente nos novos homens que governavam o mundo. *Passámos milhões de anos a tentar acabar com esse instinto, pensou Frink, e ei-lo, outra vez, a florescer. Não como um pensamento desordeiro, mas como uma ideia líder.*

‘... podemos deplorar...’ dizia o rádio com a voz dos paus-mandados de Tóquio. *Meu Deus!, pensou Frink, e chamamos-lhes macacos?!*... *Macacos, estes zés-ninguéns inaptos que, mesmo tendo aprendido a comportar-se como as pessoas normais, tão depressa constroem uma câmara de gás como fazem tochas ardentes das mulheres deles?* ‘... e no passado deplorámos, muitas vezes, o terrível desperdício de vida humana nessa luta fanática que ainda põe grande parte dos povos à margem da nossa comunidade legal...’

Pois, pois... O forte dos japoneses sempre foi a lei.

‘Para citar um santo ocidental que nos é familiar: *Que tem um homem a aproveitar se, para ganhar o mundo, tem de perder a alma?*’ O rádio interrompeu a emissão do programa. Dando um nó à gravata, Frink também fez uma pausa. Era o período reservado para a ablúcio da manhã.

Posto na lista negra ou na lista branca, pensou, tenho cair nas boas graças destes tipos. Se tiver de sair dos territórios controlados pelos japoneses e for para o Sul, ou para a Europa, estou morto. É tudo dos alemães.

Tenho de fazer as pazes com o Wyndam-Matson.

Sentado na cama, com uma chávena de chá a seu lado, Frink agarrou o *I Ching*. Abriu o cilindro de couro, e retirou os quarenta e nove caules secos das mil-folhas do interior do invólucro. Fechou os olhos para meditar. Quando acabou de arrumar os pensamentos e conseguiu concentrar-se na questão, disse-a em voz alta:

‘De que modo é que eu devo falar com o Wyndam-Matson para que ele faça as pazes comigo?’

Escreveu a pergunta no papel e começou a escolher os caules de mil-folhas com as duas mãos até perfazer o número de vezes que lhe permitia achar o número da primeira linha. Calhou-lhe um oito: eliminara metade dos sessenta e quatro hexagramas. Dividiu os caules, novamente em dois montes, e agarrou-os com as duas mãos, escolhendo-os um a um para calcular o número da segunda linha. Graças à experiência, encontrou com rapidez as seis linhas de que precisava. Olhou para o hexagrama e não pre-

cisou de procurá-lo na lista para o identificar: era o número quinze. *Ch'ien. A Modéstia.* Ah! *O pequeno será elevado e o grande trazido para baixo; famílias poderosas tornar-se-ão humildes.* Nem precisou ler o texto impresso. Sabia-o de cor. Era um bom presságio. O oráculo deu-lhe um auspício favorável.

Todavia, sentiu-se desapontado. Não havia nada de insensato no hexagrama quinze. Apenas era *demasiado adequado*. É claro que ele precisaria de ser modesto, mas talvez a mensagem escondesse outra coisa. Ele sabia que não tinha qualquer tipo de influência sobre o velho W-M, nem seria capaz de o convencer a contratá-lo outra vez. Restava-lhe adoptar a postura indicada no hexagrama quinze, era um conselho indicado para momentos como aquele: momentos em que é preciso suplicar, ter esperança, ter fé. A seu tempo, o Destino iria levá-lo ao antigo posto de trabalho; talvez até a algo melhor.

Não tinha nenhuns seis ou noves à sua frente, nada mais lhe restava para ler o futuro dele. Não era possível formar um segundo hexagrama, a partir daquele. Terminara a consulta para aquela questão.

E se formular uma nova questão? Concentrando-se, perguntou em voz alta:

‘Voltarei a ver a Juliana?’

Era a mulher dele. A ex-mulher, na verdade. Há um ano que se tinham divorciado e não se viam há muitos meses. Ele nem sequer sabia onde é que ela vivia. Suspeitava que se tivesse ido embora de São Francisco, talvez dos EPA. Os amigos comuns com quem falara também não sabiam nada sobre ela; ou se sabiam não lhe queriam contar.

Diligente, reuniu os caules de mil-folhas com os olhos postos na nova pergunta, escrita no papel. Quantas vezes já fizera perguntas sobre a Juliana? Tantas, tão diversas... Finalmente formou o hexagrama, achado graças ao sorteio aleatório dos caules secos. Fortuito, sim, mas relacionando com o momento; entrelaçado com todas as outras vidas e partículas constituintes do universo. O padrão de linhas inteiras e linhas quebradas que encontrara explicava a conjuntura. Ele, a Juliana, a fábrica em Gough Street, as Ligas de Comércio que mandavam nos negócios, a exploração dos planetas, mil milhões de piratas ardentes em África que já não se assemelhavam à forma humana, as aspirações de milhares de indivíduos residentes nos bairros da lata de São Francisco, os planos maníacos das criaturas de Berlim — todo esse material se unira naquele instante de escolher os caules secos de mil-folhas, no momento de extrair a velha sabedoria do livro que começara a ser escrito na China no século XIII a. C. Um livro criado por sábios chineses, durante um período de cinco milénios; aperfeiçoado — depurado. Uma cosmologia soberba, e científica,

descodificada muito antes do cálculo da divisão longa ter sido popularizado por toda a Europa.

Viu o hexagrama. O coração pesou-lhe no peito. Quarenta e quatro. *Kou. Encontro eminentíssimo. Uma sentença sóbria. A donzela é poderosa. O homem não deve casar com ela.* Mais uma vez aquele hexagrama voltava a surgir numa questão relacionada com Juliana.

Upa, upa!, pensou, recostando-se. *Com que então ela não era a mulher certa para mim?! Eu sabia, mas porque é que o oráculo teve de me lembrar disso? Não foi isso que perguntei. Má sorte tê-la encontrado e ter-me apaixonado por ela. Má sorte ainda estar apaixonado por ela.*

Juliana. Era a mulher mais bela com quem tinha casado. Morena, com lábios grossos e sangue espanhol. Quando ela calcava o par de sapatos *Oxford*, guardados desde os tempos da faculdade, parecia flutuar acima do chão. Todo o guarda-roupa dela tinha uma qualidade diáfana; uma nostalgie embebida nos tecidos gastos. Andaram tesos durante tanto tempo que ela só tinha uma camisola de algodão, uma camisa *tweed*, um blusão e soquetes para vestir. Odiava essas roupas porque, dizia ela, a faziam parecer-se com uma tenista; ou, pior, com uma campónia, daquelas que se podiam ver nos campos ingleses a apanhar cogumelos. Acabara por odiar Frink, também.

Apesar de tudo, aquilo que o atraíra a Juliana foram os modos desconcertantes que ela costumava apresentar. Sem que tivesse consciência disso, ela falava com as pessoas mostrando-lhes um sorriso amarelo que perdurava no rosto durante todo o discurso, fosse com amigos ou com desconhecidos. Juliana era tão atraente que ninguém se sentia melindrado, mesmo quando ela tratava toda a gente com displicência. Primeiro, Frink pensara que ela ouvia mal, ou que não via bem, mas acabou por concluir que se tratava de um caso crónico de burrice: no fundo, era mesmo um pouco estúpida. Com o tempo, o sorriso artificial, a superficialidade e a indolência começaram a irritá-lo. Mesmo assim, já à beira da ruptura, nunca deixou de olhar para ela e pensar que tinha à sua frente um presente de Deus; oferecido vá lá saber-se porquê. Esse sentimento permanecera e era por causa disso que ele não fora capaz de superar a separação: ela tinha algo de misterioso, algo que lhe apelava à fé. A fé de que ele tanto precisava.

Lembrava-se dela e sentia-a ali ao lado. Era uma presença ainda viva, andando para trás e para a frente no quarto dele à procura de qualquer coisa indecifrável: ela andava sempre em busca de algo inalcançável. Era uma presença viva na sua cabeça — e com maior nitidez nos momentos em que consultava o oráculo.

Sentado na cama, rodeado pela desarrumação e preparando-se para

enfrentar um novo dia, Frank Frink deu por si a imaginar quem mais estaria a fazer perguntas ao *I Ching* naquela altura. Sentir-se-iam tristes com as respostas obtidas? O momento fatídico dele também seria idêntico aos de outros?